

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE GOIÂNIA – ESEFFEGO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

BRENO SANTOS BARBOSA MAGALHÃES

**JIU-JITSU COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PRODUÇÕES
ACADÊMICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

GOIÂNIA - 2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE GOIÂNIA – ESEFFEGO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**JIU-JITSU COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PRODUÇÕES
ACADÊMICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia apresentada à coordenação de Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Goiás – UnU ESEFFEGO, como pré-requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Roncato Marques Anes

GOIÂNIA – 2021

BRENO SANTOS BARBOSA MAGALHÃES

**JIU-JITSU COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PRODUÇÕES
ACADÊMICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho Final de Curso apresentado

em _____ de _____ de _____, aprovado pela Banca

Examinadora constituída pelos membros:

Prof.^a. Dr. Rodrigo Roncato - Orientador

Prof. Ms. Nélio Borges Peres - Parecerista

Prof. Dr. Gabriel Carvalho Bungenstab - Parecerista

Dedico este trabalho aos corpos do Dojô Magalhães, que me ensinaram o que é ter afeto no campo jiujeiteiro, inspiraram meu retorno aos bancos da universidade e me proporcionaram sentir a potência dos saberes na minha formação.

AGRADECIMENTO

Ao meu grupo de estudos (Ana Paula e Rahaby) que me lembravam diariamente das obrigações acadêmicas. Repito mais uma vez: sem vocês eu não teria ido tão longe.

Aos meus pais e minha família, que pacientemente me ajudaram nesse percurso, se dedicando de alguma forma a minha formação intelectual.

Aos amigos que de alguma forma dedicaram algum tempo para me auxiliar na minha trajetória acadêmica, com meus infinitos pedidos de ajuda.

Aos professores que transmitiram seus saberes de forma racional, afetuosa e que em algum momento compartilharam de seu tempo pessoal no meu processo de aprendizagem.

E às entidades e orixás que me acalentaram nos momentos difíceis quando cogitei desistir.

RESUMO

Há cerca de um milhão e meio de anos a vida do homem é marcada por disputas de força ou poder. A capacidade de produzir trabalho e se adaptar colocou essa espécie em vantagem de dominação, neste sentido é possível observar a Luta como parte da constituição do próprio homem e das relações sociais, conduzindo à reflexão do movimento histórico e social do Jiu-jitsu como esporte e método na Educação Física. Esta pesquisa investigou e analisou as produções científicas acerca do Jiu-jitsu, identificando como esse esporte de combate tem sido observado, questionado e interpretado na Educação Física. Foram coletados 25 artigos científicos, em 9 revistas científicas selecionadas (Revista Pensar a Prática; Revista Motrivivência; Revista Movimento; Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde - RBAFS; Revista Licere; Revista Brasileira de Educação; Física e Esporte - RBEFE; Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Revista Motriz; Revista de Educação Física – Journal Of Physical Education). Através da leitura e interpretação detalhada, constatou-se a escassez de materiais produzidos e manifestos científicos que o tema Jiu-jitsu abrange na Educação Física, elevando esta pesquisa à novas possibilidades na produção acadêmica.

Palavras-Chave: Jiu-jitsu; Esporte de Combate; Educação Física; Revisão Sistemática.

SUMÁRIO

1	8
2	Error! Bookmark not defined.
3	Error! Bookmark not defined.
3.1	23
3.2	24
3.3	26
4	28
4.1	29
4.2	31
4.3	31
4.4	32
4.5	36
5	Error! Bookmark not defined.
5.1	41
5.2	45
5.3	48
5.4	51
6	52

REFERÊNCIAS

1 PRÓLOGO

Este projeto propõe investigar e analisar as produções científicas acerca do Jiu-jitsu, identificando como esse esporte de combate tem sido observado, questionado e interpretado na Educação Física, em particular nas produções que abordam o contexto escolar.

A escolha por estudar o Jiu-jitsu na Educação Física escolar nasce da experiência do pesquisador, cujo contato com esta prática ocorre desde a infância, trazendo grande afeto pela modalidade. O interesse foi reforçado no período universitário na Educação Física, juntamente ao diálogo com professores que trabalham na área. A universidade permitiu ao pesquisador o contato com literaturas sobre o tema e, ao mesmo tempo, o questionamento acerca da ausência de materiais que compreendem o Jiu-Jitsu como ferramenta pedagógica na Educação Física.

De acordo com Rufino e Darido (2011), as lutas estão classificadas na Educação Física como práticas corporais dentro de um conceito dinâmico que nos permite pensar sua importância histórica e social, pertencente também à esfera da cultura corporal¹. As lutas objetivam ações entre indivíduos, no corpo e na imprevisibilidade de ações simultâneas. Para Almeida (2016), a formação em Educação Física propõe um tratamento do ensino em direção à aquisição de habilidades didáticas e os conteúdos relacionados às lutas precisam ser abordados no mesmo nível de complexidade que as outras áreas da cultura corporal.

A discussão sobre o Jiu-jitsu se faz necessária em um contexto no qual a educação, tal como se apresenta na sociedade contemporânea, preocupa-se demasiadamente em capacitar o aluno para o agir funcional, levando-o a limitar todo o seu agir cultural

¹ “Já em ‘cultura corporal’, os autores colocam práticas corporais como sinônimo de cultura corporal ou como expressão eleita para designar seus conteúdos, tais como ginástica, dança, lutas, esporte e jogos.” (LAZZAROTTI FILHO et al, 2010, p. 20).

(KUNZ, 2014). Por essa razão, entendemos como relevante tratar e compreender o Jiu-jitsu como prática pedagógica medida pelo pensamento crítico (ADORNO, 1995), inspirada na didática comunicativa (KUNZ, 2014), que orienta o aluno a conhecer, reconhecer e problematizar situações socioculturais em que vive.

Nesse sentido, o estudo apresenta uma questão posta por Azevedo (1960), sobre a Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser? Nos aproximamos de uma interpretação sobre o Jiu-jitsu, como um sistema integral, que busca a totalidade na medida que pode alcançar conhecimentos sobre o corpo do ponto de vista anatômico (biológico), mas também sócio histórico e articulado com o desenvolvimento da própria Educação Física como área de conhecimento, qual o papel do Jiu-jitsu nesse processo?

Diante desta finalidade investigativa o *objetivo geral* desta pesquisa é analisar como o campo acadêmico da Educação Física brasileira tem tratado e compreendido o ensino do Jiu-jitsu, sustentado na produção de um estado da arte, com vistas a contribuir para mostrar as ideias, concepções e orientações defendidas. Já os *objetivos específicos*, tratados didaticamente para nos auxiliar na construção dos capítulos deste texto monográfico, são: Analisar o desenvolvimento histórico do Jiu-jitsu e sua chegada ao Brasil; Refletir sobre o Jiu-jitsu como fenômeno cultural, expressão humana e do corpo, e sua capacidade para promover ações educativas necessárias ao desenvolvimento humano; Reunir e analisar o conhecimento sobre o Jiu-jitsu nas produções acadêmicas da Educação Física, através de uma revisão sistemática, com foco na análise do conteúdo apresentado nas produções que abordam o contexto escolar.

O problema desta pesquisa se justifica com a perspectiva de auxiliar a atualização e construção de novas reflexões acerca da relação histórica da Educação Física com o Jiu-jitsu, sobre os desafios para a atuação profissional e para o desenvolvimento do trabalho dos professores de Educação Física que tratam o Jiu-jitsu como ferramenta pedagógica na formação do aluno. E para a reflexão crítica acerca dessa prática corporal na formação humana, recorre-se inicialmente a dois autores que compreendem a educação numa perspectiva emancipatória: Elenor Kunz (2014) e Theodor W. Adorno (1995).

Kunz (2014) posiciona o processo de ensino em três categorias: trabalho, interação e linguagem. Segundo ele o aluno deve ser conduzido ao desenvolvimento de uma competência que seja objetiva, social e comunicativa. Adorno (1995) pressupõe que a autonomia e emancipação do aluno se dá através da consciência e por intermédio do esclarecimento.

Há, porém, muitas discussões dentro do próprio campo da Educação Física, sobre os conteúdos ensinados – sobretudo o esporte – enquanto ferramenta de ensino ou doutrinação. Por exemplo: Kunz (2014); Correia e Franchini (2010); Rufino; Darido (2011), compreendem uma proeminência no ensino do esporte na educação física escolar, o que dificulta a aplicação de outras práticas corporais – como as lutas ou artes marciais – em sala de aula.

Outra dificuldade encontrada na inserção do Jiu-jitsu na Educação Física, são destacadas por Rufino (2012), Rufino, Martins (2011) e Almeida (2016), que ressaltam a dificuldade do professor de educação física em lecionar essa prática corporal, por insegurança – proveniente de uma má formação acadêmica –, que se mistura à uma escassez de conteúdo metodológico na literatura.

O desenvolvimento deste trabalho conta com a produção e exposição de três capítulos: **Round 1: ANÁLISE DO JIU-JITSU COMO EXPRESSÃO HUMANA**, onde discorre-se a trajetória histórica das lutas e do próprio Jiu-jitsu dentro dos paradigmas de poder que as lutas corporais percorrem na história do homem como expressão cultural; **Round 2 - JIU-JITSU COMO PRÁTICA CORPORAL NO PROCESSO PEDAGÓGICO**, onde buscou-se evidenciar o Jiu-jitsu como prática corporal inserido na educação física escolar como proposta de formação do ser humano e como as lutas são compreendidas no ambiente escolar em várias manifestações: como linguagem, questões técnicas e esclarecimentos da emancipação.

E por fim, **Round 3 – Método**, onde o estudo é pensado preconizando uma revisão sistemática, destacando, por meio do estado da arte, as produções de conhecimento redigidas e publicadas em periódicos da Educação Física, com filtros que os determine. Lê-se em Sampaio e Mancini (2007), o estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão dos artigos e acima de tudo, uma análise criteriosa da qualidade da literatura selecionada. Assim demonstrando como uma revisão sistemática requer uma pergunta clara, definindo uma estratégia de busca.

A estratégia utilizada foi a de resgatar na literatura especializada da Educação Física o máximo de artigos acadêmicos que pensem, investiguem, interpretem e analisem o Jiu-jitsu. Levando essa investigação à uma análise objetiva sobre os materiais coletados.

2 ROUND 1

2.1 Análise do Jiu-jitsu como expressão humana

Porque lutamos? Neste capítulo fica exposto a historicidade das lutas como expressão humana e cultural. Nesse sentido, a tratamos como parte da constituição do próprio homem e das relações sociais, conduzindo a reflexão à análise do movimento histórico e social, para destacar as relações de poder que originaram e possibilitaram a reprodução de manifestações de atos de luta, bem como as diferentes formas e expressões de combate, que deram significado à criação e estruturação do Jiu-jitsu como luta e também desenvolvimento do próprio homem.

Buscamos explicitar que desde o início da formação humana, o homem já luta por algo ou por algum motivo. Há cerca de um milhão e meio de anos a vida do homem é marcada por disputas de força ou poder, bem como pela capacidade de produzir trabalho e se adaptar. Lima (2017) compreende tais relações de poder como objeto do corpo, mas que não se aplicariam apenas a ele. Segundo a autora são relações que “[...] produzem algo que se atualiza no corpo: o poder tenta moldar os corpos e esta é a sua produtividade” (p.175).

O homem carrega em sua trajetória momentos de defesa em que a disputa pela própria vida o levou a se preparar para combates, sejam de natureza agressiva, dominação, conquista ou proteção de territórios, espaço entre outros corpos e defesa pessoal, criando, conseqüentemente, uma compreensão de que as lutas são instrumentos para algo ou para o quê, (LIMA, 2017). Tendo como ponto de partida nesta produção a observação dos trajetos históricos das lutas na história registrada da humanidade, até a análise das mesmas como práticas corporais pedagógicas.

2.2 História, signos e poder

As primeiras expressões criadas para Artes Marciais surgem com a palavra “marcial”, proveniente do nome da divindade romana das guerras, o Deus “Marte”, equivalente ao Deus “Ares” do panteão grego (LIMA, 2000; HAUSEN, 2004). Payne

(1996) afirma que a arte de guerrear, vem da existência de que o mais forte domina o mais fraco pela busca da sobrevivência de qualquer maneira.

Uma singularidade histórica da relação entre o poder e o saber tem destaque ao observarmos a trajetória de vida do ilustre filósofo grego, Platão. O nome verdadeiro de Platão (424-423 BC a 348-347 BC) era Aristocles, sendo Platão apenas um apelido que ele ganhou nos círculos de *Wrestling* por causa do seu porte físico (o apelido implicava que o filósofo/lutador possuía ombros muito largos, dando vantagem em sua postura no combate). Segundo a FILLS (Federação Internacional de Luta Livre Submission), a academia de Platão era conhecida como uma famosa escola de *Wrestling* na época, o pensador inclusive foi campeão de torneios nessa modalidade.

Para a FILLS, um corpo sadio era necessário para uma mente brilhante, sendo que muitos filósofos eram grandes lutadores e praticaram o *Wrestling* grego. A academia de Platão foi modelo para as escolas de ensino superior e depois para todas as escolas europeias. O *Wrestling* de Platão era o antigo *Pankration* grego, conhecido desde os tempos de Hércules e praticado em todos os jogos olímpicos da antiga e da nova era.

No início das primeiras manifestações de Lutas as técnicas de socos e chutes eram utilizadas nos pontos vitais dos adversários fazendo com que o combate se encerrasse o mais breve possível, onde a técnica seria superior á força e até mesmo às armas utilizadas. Gurgel (2007) conta que mais de 2.500 anos atrás a primeira forma de autodefesa desenvolvida pelo homem sem o uso de armas, foi criada por monges budistas, de características físicas muito franzinas “alvo de ataques constantes em suas peregrinações. Baseados na observação e no conhecimento dos movimentos dos animais, desenvolveram forças de alavanca, técnicas de autodefesa e passaram a não mais ser saqueados” (p.7).

Não há uma data específica de sistematização ou criação das Lutas, cabe aqui observar como o ato de lutar acompanha o homem desde os primórdios, caçando para se alimentar, se divertir ou sobreviver, dentro do processo civilizatório marcado por constantes batalhas, vê-se que na história de Platão sua técnica de luta ensinava até mesmo arrancar membros ou golpes em partes íntimas objetivando a morte ou incondicional rendição do oponente.

Na Roma antiga existiu a figura dos Gladiadores que lutavam em uma arena (a maior e mais importante era o Coliseu de Roma, sede do Império). Um espaço criado para que o espetáculo fosse a disputa entre dois corpos com o objetivo de matar ou morrer, a luta vista como um fenômeno econômico e mercadológico, essa interpretação do combate, como atividade assistida, também tem definição quando observa-se a etimologia

da palavra – Lutar: “enfrentar em corpo a corpo, visando obter vitória; fazer uma luta como esporte ou exercício”.²

Almeida (2016, p. 104) afirma que as narrativas de tais histórias sobre a violência, a luta ou o poder de pertencimento dos guerreiros que se utilizavam das artes marciais em combates pela defesa de seus povos, negligencia os ideais nacionalistas de cada povo. “A imagem de unidade em torno do guerreiro das artes marciais como o representante de uma identidade nacional precisa ser entendida enquanto uma comunidade imaginada”. Segundo o autor essa identidade só pode ter sustentação quando as artes marciais são reconfiguradas para o formato de prática esportiva, como veremos mais à frente.

Observar os mitos das lutas na história do homem mostra como cada sociedade, em cada época, possuía relações de poder e significados singulares. Lima (2017) apresenta uma reflexão em como essas sociedades primitivas incorporavam políticas diferentes e como pensaram as relações de poder por meio da força e por marcas corporais, uma vez que os guerreiros eram definidos em uma escala hierárquica por marcações que eles faziam em sua própria pele. “Cada povo desenvolvia seu próprio sistema de marcas e signos, podendo um sujeito ter inscrições variadas no corpo, de acordo com sua posição social ou função dentro do grupo” (p.175). Essas modificações corporais como a perfuração com ou sem inserção de objetos como alargadores, espinhos, chifres ou ossos, poderiam descrever quantos adversários esses guerreiros já haviam vencido ou seu nível de conhecimento em combates.

Muitos mitos foram desenvolvidos para sinalizar o surgimento das Lutas ou Artes Marciais no mundo, a paridade encontrada em todas as leituras mostra as lutas como função para atacar ou defender algum propósito. Segundo a IBJJF (International Brazilian Jiu-jítsu Federation), os primeiros traços do Jiu-Jitsu se formaram na Índia, 500 anos antes de Cristo, os monges budistas da época elaboravam técnicas de defesa pessoal baseadas nos princípios da religião onde o equilíbrio e consciência corporal se misturava com um sistema de ataque e defesa, baseados no sistema de articulação do corpo, uso de alavancas, com o mínimo de força possível.

² Na busca pelo termo “Lutar” no Dicionário On-line Michaelis compreende-se a palavra: 1 Enfrentar alguém, corpo a corpo, com ou sem arma; testilhar: Lutou com o colega da escola por uma coisa sem a menor importância. Meus dois priminhos lutavam o tempo todo. 2 Travar luta ou engajar-se em combate ou batalha, com o objetivo de vencer o inimigo: Meu tio lutou contra os fascistas na Itália. Nas Forças Armadas, os soldados são preparados para lutar. 3 Praticar uma luta, como exercício: Ele luta kung fu três vezes por semana. Seu único hobby é lutar. 4 FIG Opor-se fortemente a alguma coisa que se considera nociva, negativa ou injusta: Há várias entidades que lutam contra o racismo. (MICHAELIS, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/lutar>).

Gurgel (2007) afirma que alguns monges chegaram à China, e que esse seria o primeiro país a ter contato com a nova arte, posteriormente ao Japão, que depois viria a ser o berço de todas as artes marciais. No contexto histórico o Japão vivia o feudalismo e como protetores desses senhores feudais, os samurais:

Exímios guerreiros, que tinham no jiu-jítsu sua luta corpo a corpo. É importante que saiba essa história para que se possa entender um pouco da filosofia de nossa luta, pois os samurais duelavam para proteger seu senhor e só a morte os empediria” (GURGEL, 2007, p.6).

Sousa (2010) relata como as lutas marciais chegaram ao Japão, sofrendo influências da China e da Coréia ao receberem modelos hierárquicos de organização social, linguagem, religião e a filosofia budista.

Até os dias atuais a figura do guerreiro samurai povoa o imaginário mundial pela sua representação de moralidade, de retidão na sua conduta de vida e de determinação. No período feudal japonês esta casta teve grande importância social e estratégica. Sua formação ia além da qualidade técnica na luta e o conhecimento de um samurai possuía grande alcance. Mais importante que isso, contudo, sua conduta mostrava uma lealdade para com o senhor feudal, daymio e shogun, implicando a defesa destes e de seus ideais. (SOUSA, 2010, p.16).

Sousa (2010) e Gurgel (2007) mostram como o desenvolvimento das Lutas no Oriente está associado também à eclosão de conflitos que levam à necessidade de uma organização militar e de técnicas marciais, e essa formação, de acordo com os autores implicou no estabelecimento de classes sociais guerreiras. O samurai aqui interpretado como um exímio lutador, possui as mesmas características de poder observadas por Lima (2017). Nesse caso a espada, a roupa e o cabelo o definiam como o guerreiro do senhor feudal e sua obrigação consistia em lutar e até mesmo morrer por ele, a espada era o símbolo maior de poder desse guerreiro.

No Japão as lutas eram tratadas como patrimônio cultural do país, sua importância era tão grande que existia um decreto imperial proibindo de ser ensinado qualquer tipo de luta japonesa fora de lá ou até mesmo para quem não era japonês. Somente após a introdução da cultura ocidental no Japão, promovida pelo Imperador Meiji entre 1867 e 1912, as Artes Marciais japonesas caíram em desuso com a chegada das armas de fogo, esse processo de formação das artes marciais no Oriente ocorreu por uma necessidade de

pertencimento, mas também por uma questão mercadológica, que explora as práticas físico-desportivas como alternativa de lucro (ALMEIDA, 2016).

Gurgel (2007) relembra que a revolução industrial abriu os portos japoneses ao Ocidente, a cultura oriental e o segredo das técnicas marciais já eram de conhecimento dos ocidentais: “neste ponto surge a preocupação japonesa em preservar sua cultura, assim como o conhecimento de suas armas e técnicas de guerra. O jiu-jítsu é fragmentado e, então, começam a ser exportados o karatê, o judô, o aikidô, entre outras técnicas” (p.07). O desenvolvimento dessas lutas no Ocidente expande as noções técnicas e filosóficas do que hoje conhecemos como Artes Marciais, que se desenvolveram e se tornaram grandes lutas, mas nesse período o Jiu-jitsu foi preservado pelo imperador japonês, que decreta crime ensiná-lo fora do Japão.

Muitos mestres japoneses foram embora do país, e em 1914 chega ao Brasil, Mitsuyo Mayeda, sob o nome de guerra “Conde Koma”, exibindo sua luta em desafios contra homens visivelmente maiores e mais fortes na forma de espetáculos circenses em uma cidade ao norte do país. Em função de sua capacidade de enfrentar adversários visivelmente mais fortes, foi chamado de “o Hércules nipônico” (CAIRUS, 2014).

Quando Conde Koma chegou ao Brasil ele não se apresentava como um adepto do Judô da escola Kodokan do professor Jigoro Kano e sim um exímio lutador de *Jujutsu* – uma designação dada às artes marciais dos antigos samurais japoneses. Com essa nomenclatura genérica, o lutador, em seus desafios, preservava a integridade da luta onde os princípios morais eram cruciais (CASADO; VILLAMÓN, 2009).

Um grande amigo de Conde Koma era Gastão Gracie, em retribuição à favores pessoais, Conde se ofereceu para ensinar o *Jujutsu* para Gastão e sua família. Segundo Almeida (2016) o patriarca da família Gracie foi o responsável pela criação da modalidade de luta Jiu-jitsu Brasileiro. “Seus membros, descendentes diretos dos filhos Carlos Gracie e Hélio Gracie principalmente, se empenham em perpetuar uma essência atribuída aos ensinamentos conquistados junto ao japonês Mitsuyo Maeda no início do século XX” (p.9).

Hélio Gracie, filho mais novo de Gastão Gracie apontado como o responsável pela identidade da luta enquanto luta que acontece principalmente no solo através de posições de controle no solo, tendo a “raspagem” (com o lutador que está sob o adversário dominando sua movimentação) e as técnicas que levam à desistência como marca registrada (torções articulares e estrangulamentos da “guarda”) (ALMEIDA, 2016, p.9).

A curta aprendizagem junto a Mayeda exigiu que os irmãos Gracie desenvolvessem seu próprio estilo de luta, o menor dos filhos de Gastão, foi o grande protagonista do Jiu-Jitsu Brasileiro, por ser mais leve e mais fraco, Hélio desenvolveu uma técnica em que qualquer um pudesse aprender o Jiu-jitsu e também fosse capaz de derrotar qualquer inimigo, essa soberania técnica é apontada por Almeida (2016) como sendo uma estratégia de marketing da família Gracie em conseguir novos alunos e popularizar a Luta ensinada por eles.

Os fundamentos oriundos da adequação de Hélio Gracie, como descreverei a seguir, podem ser apontados como a base que sustentou uma verdadeira filosofia da modalidade de luta praticadas pelos Gracie – ainda que tenha se perdido em sua trajetória recente em função das discontinuidades pelas quais atravessou o Jiu-jítsu dos Gracie desde então. Acredito que tais discontinuidades podem ser entendidas dando-se atenção à imbricação entre a corporatria e a competitividade dos torneios de luta e podem contribuir para uma reflexão a respeito dos atravessamentos pelos quais passou o JJB e o atrelamento a aspectos socioeconômicos. (ALMEIDA, 2016, p.131 a 132).

Segundo o autor, o filho mais velho da família Gracie, Carlos Gracie, foi quem primeiro praticou a luta de Mitsuyo Mayeda, mas o responsável direto pela criação do Jiu-jítsu que, “futuramente, alcançaria destaque no mundo das lutas corporais, foi seu irmão mais novo, Hélio Gracie, a figura mais emblemática nesta luta.” (p.132)

2.3 O Jiu-jitsu na formação higienista brasileira

O termo Jitsu é compreendido como “método”, “arte” ou “técnica”. Já o termo Jiu (lê-se JU) significa suavidade, leve ou até mesmo um caminho a uma realização mais espiritual do que puramente prática, técnica ou artística, sendo o termo Jiu-jitsu compreendido de forma popular como “Arte Suave”.

A proliferação do Jiu-jitsu na população brasileira carrega em seu contexto histórico a influência de como os corpos da época se transformavam, seja por uma lógica política de mudança social, como por definições individuais.

Ao tratar sobre a concepção e modelo de corpo, defendido num contexto enfatizado pela lógica higienista e eugenista, Fontenelle (1940, p.770) explica que o higienismo tinha como objetivo identificar os “procedimentos e hábitos individuais e coletivos para a manutenção da saúde, entendida na época como ausência de doenças”, e

já o objetivo da eugenia era “[...] estudar a influência da herança genética nas qualidades físicas e mentais dos indivíduos”.

Tais perspectivas foram se transformando com o desenvolvimento da própria sociedade e influenciando diferentes contextos formativos e educativos, chegando aos sujeitos e intelectuais que defendiam a necessidade de melhorar as qualidades naturais dos homens. No *Museu Virtual Gracie*, por exemplo, fontes históricas mostram cartilhas distribuídas no início dos anos 1930, apresentando o Jiu-jitsu como ferramenta de poder e soberania, onde o homem (ou mulher) que o aprendesse teria capacidade de enfrentar adversários, independente de força ou tamanho, justamente porque contribui para fortalecer a perspectiva de corpo apto, saudável, higiênico e preparado para contribuir com o desenvolvimento humano e social.

Segundo Almeida (2016), o valor e transformação que os Gracies desenvolveram na história do Jiu-jitsu como Arte Marcial “[...] só puderam atender a tais finalidades na medida em que foram operadas por elites interessadas em seu uso como recurso para manterem sua dominação cultural e financeira” (p.89). Nesta disputa de qual é a melhor luta, superior ou mais eficiente, acendeu-se características pedagógicas no universo das Artes Marciais:

Chamo atenção aqui para o caso da Capoeira que, possivelmente, tenha uma penetração no imaginário coletivo brasileiro mesmo com a impregnação massiva dos esportes coletivos via Educação Física escolar. Representativa de formalidade e da informalidade em meio às (re)construções seletivas de uma textualidade claramente palimpsesta, a Capoeira serve para reforço do argumento de que apenas as modalidades de lutas corporais que puderam aderir ao discurso pedagógico-propedêutico emergiram da obscuridade das lutas corporais em nossa sociedade seduzida pela retórica dos benefícios (educacionais) dos esportes. (ALMEIDA, 2016, p.89).

Hélio Gracie desenvolveu um sistema de luta onde poderia dominar e subjugar adversários muito maiores e muito mais fortes que ele, através de técnicas de estrangulamentos e torções articulares, Hélio ³era conhecido como o “samurai brasileiro”, pois além da elevada consciência técnica que desenvolvia a cada dia, também carregava princípios e valores morais para a vida de seus alunos, levando o Jiu-jitsu como condição

³ “Royce Grace se sagrou vencedor em três das quatro primeiras edições do evento (UFC), evidenciaram que as técnicas do jiu-jitsu eram superiores às de outras modalidades e ao mesmo tempo notabilizaram o sobrenome Gracie. Tais fatos possivelmente tenham sedimentado a atual predominância de um discurso hegemônico, o qual atribui aos membros dessa família a introdução dos desafios intermodalidades no Brasil, algo bastante próximo a uma ‘tradição inventada’”. (LISE; CAPRARO, 2018, p. 323).

de vida. Almeida (2016) também nos mostra como esse personagem teve reconhecimento nacional, uma vez que deu aulas particulares para Getúlio Vargas no Palácio do Catete em seu segundo mandato nos anos de 1950.

As imagens postas no *Museu Virtual Gracie*, retratadas nas Figura-1, Figura-2, Figura-3 e Figura-4, neste capítulo, reforçam como os discursos hegemônicos veiculados nas cartilhas que promoviam o Jiu-jitsu produzem “verdades” que gerenciam a vida social, bem como efeitos de divisão e desigualdades. Almeida (2016, p.57) proporciona ao debate sobre as lutas corporais o entendimento de que essas práticas façam “parte de um sistema cultural que as ajustou com o discurso higiênico, despindo suas beligerâncias, a fim de torná-las ferramentas para a formação de um *ethos* moderno dentro da Educação Física”.

Mesmo que o discurso que popularizou o Jiu-jitsu no Brasil carregue em sua grande maioria comportamentos emancipatórios, tanto no técnico, como intelectual, Almeida (2016) compreende que esse momento histórico da publicidade empregada pela família Gracie explorou a relação do Jiu-jitsu com a Educação Física:

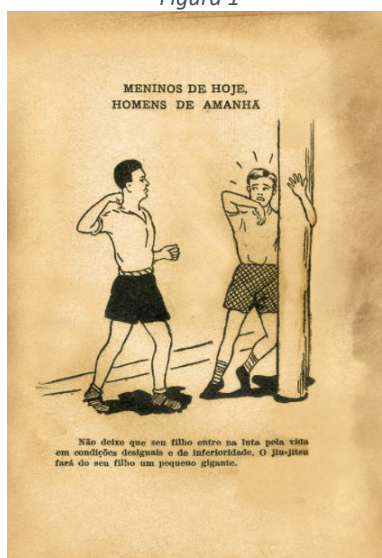
Procuro explorar como a Educação Física, de antemão, como um produto cultural localizado histórica e socialmente pertencente ao sistema cultural escolar operador de uma perspectiva de progresso, cedeu (ou perdeu o controle) os direitos de gestão para um mercado (representado por empresas voltadas para a exploração econômica de práticas esportivas como formas de entretenimento) – nesse caso, postulo que as lutas corporais criadas no seio de uma Educação Física higienista tenha se tornado um objeto de interesse para um mercado de bens simbólicos, mas precisou ser reformá-la para torná-la consumível (ALMEIDA, 2016, p.57).

Essa imagem do Jiu-Jitsu brasileiro é oscilante, pois em um extremo há o aumento da popularidade e do conhecimento sobre a modalidade; em outro, o preconceito gerado pela falta de informação ou pela vinculação tendenciosa do Jiu-Jitsu como esporte violento. A luta/arte marcial geralmente nos remete à preservação de determinado estilo, costume, prática, tradição, ela pode ser plástica, oriental, ocidental, marcial (RUFINO; MARTINS, 2011).

As fontes históricas apresentam uma comercialização do Jiu-jitsu através das cartilhas com conceitos higienistas/eugenistas afirmando como o aprendizado desta luta colocaria o público em situações de superioridade: “Não deixe que seu filho entre na luta pela vida em condições desiguais e de inferioridade. O Jiu-jitsu fará do seu filho um pequeno gigante” (*Museu Virtual Gracie*; Figura 1); “O Jiu-jitsu dá personalidade às

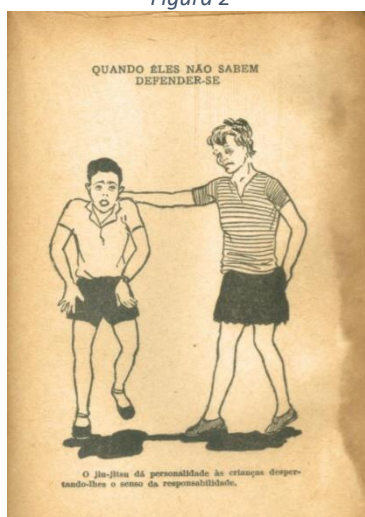
crenças despertando-lhes o senso das responsabilidades” (*Museu Virtual Gracie*; Figura 2); “Proteja seu filho contra as torturas da inferioridade, proporcionando-lhe com o Jiu-jitsu meios seguros de se defender” (*Museu Virtual Gracie*; Figura 3); “Sacrifique tudo mas não deixe que seu filho seja humilhado, pois tais impressões refletem-se na vida adulta. O Jiu-jitsu dará o seu filho o mais elevado de confiança própria” (*Museu Virtual Gracie*; Figura 4).

Figura 1



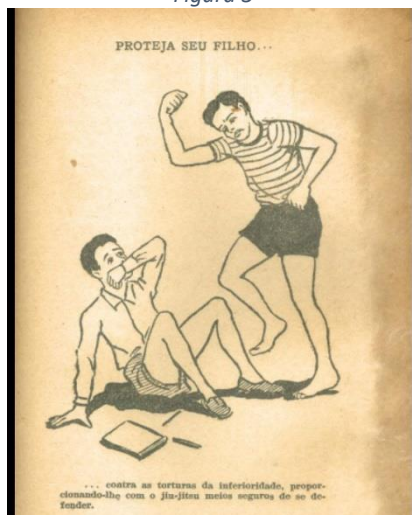
Fonte: Museu Virtual Gracie

Figura 2



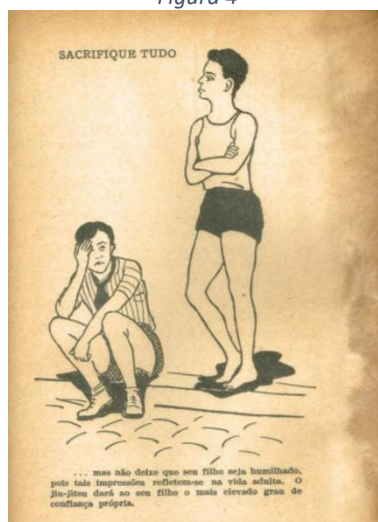
Fonte: Museu Virtual Gracie

Figura 3



Fonte: Museu Virtual Gracie

Figura 4



Fonte: Museu Virtual Gracie

A evolução e modificação da compreensão do Jiu-jitsu no imaginário coletivo brasileiro, colocou essa Luta em um estado diferente do proposto por Hélio Gracie no início de sua expansão. Uma vez que esse trabalho versa justamente pela inserção do Jiu-jitsu como uma prática corporal pedagógica que possui papel transformador na vida de seu praticante, aqui visto como um objeto de estudo da Educação Física escolar, sua importância no processo de aprendizagem social, é observada por Kunz (2003) com aproximação do público infanto-juvenil, onde se objetiva ensinar e aprender temáticas para a construção de uma consciência cidadã em temas como: filosofia do Jiu-Jitsu com ênfase em ensinamentos para a vida, a disciplina e os valores morais da sociedade; drogas e comportamento na sociedade.

Deve-se resgatar as características apresentadas por Fontenelle (1940) na definição do higienismo e eugenismo na construção dos corpos no Brasil, compreendendo que mesmo com uma proposta mercadológica ofertada por Hélio Gracie de “provar ao mundo” como o Jiu-jitsu é superior a outras lutas marciais, a inserção do Jiu-jitsu como prática corporal dentro da cultura corporal transformou seus valores técnicos e sociais. Compreendendo o movimento humano como objeto de estudo da Educação Física e levando à constatação dos conceitos de homem e de corpo, que, para Daólio (2013), precisa ser compreendido em um sistema unitário, no qual incidem variáveis biológicas, psicológicas, sociológicas e culturais, as reações aos estímulos e gestos corporais propostos pelo Jiu-jitsu não podem ser analisadas apenas por meio de uma visão biológica, mas sim compreendidas como uma expressão cultural.

2.4 Jiu-jitsu “uma arma de guerra” da Educação Física

Das reflexões expostas por Azevedo (1960), permeando as questões acerca da Educação Física (o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser?), nos aproximamos de sua interpretação sobre o Jiu-jitsu como um sistema completo, próximo à própria Educação Física, que alcança conhecimentos de “[...] anatomia, de alimentação, valor da hidroterapia interna e externa, de vida ao ar livre, nas habitações e dos outros princípios essenciais à vida racional” (p.110).

Azevedo (1960), de forma bem particular, afirma que na língua japonesa o significado de Jiu-jitsu é “quebrar músculos”, e ainda o define em duas formas:

[...] é, afora alguns exercícios respiratórios comuns a todos os sistemas e alguns exercícios de braços, em que os aparelhos são substituídos pela resistência dos braços do antagonista, um sistema de luta corporal, obedecendo a princípios anatômicos. É sob êste último aspecto que nos propomos estudá-lo. (p.110).

De fato observamos na história do Jiu-jitsu, como este esporte de combate carrega em sua origem uma estética que se aproxima a uma “arma de guerra”. Azevedo (1960) reforça ainda, como o jiu-jitsu está enraizado na Educação Física como um “esporte de defesa”, que, segundo o autor, se manifesta como “[...] a arte de dominar um adversário, infligindo-lhe uma dor de intensidade excessiva por meio de um desdobramento de fôrça mínima”, (p.111), o que de fato descreve bem as técnicas de alavanca descritas por Gurgel (2007).

Observar então o Jiu-jitsu como esporte e também como conteúdo da Educação Física, implica na descrição precisa de Azevedo (1960), por uma perspectiva bastante técnica:

[...] a força não é menos necessária para levantar o adversário, arrojá-lo ao chão e passá-lo com rapidez máxima da posição vertical à posição horizontal, necessitando, portanto, um grande vigor, rapidez e decisão de execução, e, ao mesmo tempo, manobras de oposição, resistência e levantamento completo do corpo do adversário. (p. 111).

Azevedo (1960) afirma então que o Jiu-jitsu se constitui de um método japonês de Educação Física, mas sem anular os fundamentos do treinamento racional da ginástica sueca:

Este treinamento, que abrange os músculos, o coração, os pulmões, o aparelho digestivo, o sistema nervoso e as faculdades morais não faz senão sublinhar a necessidade de nunca abordar um esporte qualquer sem ter anteriormente pôsto o corpo nas condições fisiológicas de o praticar, sem perigo, para o coração e para os pulmões, e, portanto, de abordar êste esporte, que permite ao homem provocar a dor inibidora no ataque, sem estar o organismo perfeitamente adaptado aos lances arriscados, que o jiu-jitsu comporta, e aos ardis, que emprega. (p.111).

Mesmo que o autor aborde o Jiu-jitsu como um sistema de detalhes violentos, em que seu praticante precisa estar fisicamente adaptado à sua prática, ele o descreve como um esporte que em seu valor está conectado “corpo e alma”, relacionando a capacidade de provocar morte imediata com aplicação destes golpes, mas ao mesmo tempo benefícios aos órgãos vitais gerando um equilíbrio entre a possibilidade de violência brutal na aplicação dos golpes e benefícios para alcançar o desenvolvimento do corpo. (AZEVEDO, 1960).

Pensar o Jiu-jitsu nesta perspectiva de Azevedo (1960), nos faz recordar do resgate histórico do filósofo, porém aqui, lutador Platão. O mesmo corpo sadio que gera uma mente brilhante, se mistura ao antigo *Pankration* grego de Platão, em que o objetivo era também o de dominar o adversário com técnicas capazes de levar o adversário a morte.

O jiu-jitsu, pois, (resumamos nosso pensamento) encarado como método de educação física, não é original no seu treinamento, que, como notou P. Tissié, apresenta as maiores afinidades com o treinamento racional dado pela ginástica sueca, e, no seu caráter especial ou ginástico, é um admirável esporte de defesa, tão admirável nos resultados que alcança, como violento e fatigante nos ardis e recursos que emprega, cabendo-lhe, no plano geral de educação física, um lugar entre os esportes intensivos, que (nunca será demais repeti-lo) não são se não o coroamento da educação física e, por assim dizer, sua recompensa. (AZEVEDO, 1960, p.113)

O Jiu-jitsu é tão antigo que sua origem precede a história do Japão, e, ao longo deste capítulo, a investigação nos aproximou de curiosidades históricas, com divergências em datas e nomes históricos. Como vemos em Azevedo (1960) em um testemunho de Platão, em que a educação grega se baseava na “dependência mútua do corpo e do espírito e tinha por fim o mais perfeito equilíbrio somato-psíquico”, (p.226).

O jovem Platão, que se tornou um dos maiores pensadores da Antiguidade, também era um atleta notável “[...] que arrebatou por duas vezes a palma da vitória nos Jogos Olímpicos. ‘o corpo de um atleta e a alma de um sábio, eis o que é preciso para ser feliz’ (AZEVEDO, 1960, p.226). Quando Azevedo se refere ao Jiu-jitsu como uma “arma de guerra”, ele também reforça a importância desta arma intelectual na “formação da mocidade” do indivíduo cabendo a Educação Física a contribuição na “mentalidade” e no “caráter” de uma nação.

3 ROUND 2

3.1 Jiu-jitsu como prática corporal no processo pedagógico

Para a elaboração deste capítulo, entendemos como necessário tratar o Jiu-jitsu, compreendido como prática corporal⁴, se modificou ao longo de sua inserção na educação, se propondo a contribuir com diferentes processos formativos. Desenvolvemos, portanto, nessa parte do estudo, a análise sobre como as lutas também são compreendidas no ambiente escolar, por uma ampla variedade de manifestações. O que implica linguagens, lógicas, técnicas, procedimentos, valores e racionalizações muito distintas.

Evidenciado no contexto histórico já tratado no capítulo anterior, o Jiu-jitsu, modificado pelos Gracie no Brasil, foi apresentado como ferramenta para permitir o controle da agressividade, e, por isso, perpassou por mudanças singulares como prática corporal, incluindo o movimento que o insere no contexto da sala de aula, por meio da sua relação com a Educação Física escolar.

⁴ No artigo de revisão de Lazzarotti Filho et al. (2010, p. 22) o termo “práticas corporais” é encontrado nos periódicos com “intenção de problematizar os conceitos atividade física e exercício físico. Argumentam que estes conceitos encontram-se reduzidos à compreensão do movimento pela física clássica, enfatizando aspectos como a locomoção no tempo e no espaço e o gasto de energia. Enfatizam também a preocupação em incorporar aspectos subjetivos, como os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos e pela cultura ao movimento corporal humano”.

Nessa etapa da produção, nossa ênfase recai sobre a inserção do Jiu-jitsu como prática corporal após ajuste em seu contexto histórico, ocorrido depois que mostrou sua adesão aos pressupostos de uma arte marcial vinculada aos princípios do esporte. “A sutil relação entre a luta recém-criada e as discontinuidades das configurações políticas do decorrer do século passado foram ingredientes decisivos para o seu sucesso” (ALMEIDA, 2016, p.136).

Ressaltamos a compreensão de que o Jiu-jitsu não foi construído para o ambiente escolar, mas é preciso admitir suas possíveis contribuições aos sujeitos que o praticam nesse contexto de educação formal. Como abordado por Correia e Franchini (2010, p.6), há a necessidade de uma transformação didática e pedagógica nos saberes escolares evidenciando a necessidade de embasamentos científicos para uma contemplação satisfatória do ensino de lutas em sala de aula.

Bregolato (2006) também implica na relevância das práticas corporais na Educação Física escolar, uma vez que o estudo dos movimentos corporais possibilita várias formas de linguagens e expressões corporais. Na contextualização teórica, o estudo que promove a consciência do que, como e porquê das práticas dos movimentos realizados, e a ligação deles com o todo (pessoas, sentimentos, trabalho, natureza etc.), também, segundo o autor, os princípios de valores e atitudes, voltados a princípios educacionais que exteriorizem condutas na formação de sujeitos na construção de um mundo mais harmonioso. Mesmo que o objeto em questão tenha sido elaborado como ferramenta de guerra, defesa pessoal e consciência corporal.

3.2 Lutas e Esporte: gargalos na inserção do Jiu-jitsu no debate escolar

Um dos pontos que contribuem para justificar a realização desta pesquisa de monografia, relaciona-se ao fato de que, de uma maneira geral, não é comum encontrar no contexto da formação inicial em cursos de Licenciatura em Educação Física, definições claras acerca de como as lutas podem ser trabalhadas como práticas pedagógicas na Educação Física escolar.

Destacamos que são poucas as produções que discutem esse tema. Dentre estas podemos citar aquelas de autoria de Correia e Franchini (2010) que, após extensa análise das produções acadêmicas, encontraram baixo número de artigos da Educação Física que tratam das Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate dentro do ambiente escolar.

Há de se destacar que existem muitas discussões dentro do próprio campo da Educação Física sobre os conteúdos ensinados em sala de aula, sobretudo o esporte,

enquanto ferramenta de ensino escolar e formação humana/social. Sobre isso, citamos Kunz (2014), Correia e Franchini (2010), Rufino e Darido (2011), que, por sua vez, compreendem uma proeminência do esporte no ensino na educação física escolar, o que dificulta a aplicação de outras práticas corporais – como as lutas ou artes marciais – em sala de aula.

Dificuldades estas que são possíveis de serem encontradas também na inserção do Jiu-jitsu no ambiente escolar. Rufino (2012), Rufino e Martins (2011) e Almeida (2016) destacam esta informação, ressaltando a dificuldade do professor de educação física em lecionar o Jiu-jitsu como prática corporal, por uma insegurança – proveniente de uma má formação acadêmica – que se mistura à uma escassez de conteúdo metodológico na literatura.

Superando a naturalização da cultura e observando como o corpo equivale a uma relação entre natureza, cultura e escola, o Jiu-jitsu como elemento pedagógico e produção de conhecimento na Educação Física, se torna expressão cultural, prática, teórica e principalmente objeto de conhecimento. Rufino e Martins (2011) destacam o Jiu-Jitsu como uma prática disciplinar, eles apresentam a complexidade dessa luta, no sentido de exigir dos praticantes uma performance técnica e tática fina, que desenvolve ainda a criatividade rápida ligada ao movimento, a ação ou a decisão, além da disciplina em seus praticantes.

Expandindo a ideia de que o reforço pedagógico ofertado aos professores que buscam nas práticas corporais suporte didático e metodológico, existe um indicativo no processo de expansão e socialização das lutas no cotidiano do aluno, na construção intelectual de formação do professor e no projeto pedagógico da escola: “é possível identificar uma pluralidade muito patente nas suas diferentes configurações sociais, formas de expressão, repertório técnico, linguagens, organização e institucionalização”. (CORREIA; FRANCHINI, 2010, p.02).

Destacando a necessidade desse estudo, em legitimar o Jiu-jitsu nas aulas de Educação Física, nos apoiamos na afirmação de Kunz (2014) para ressaltar que o esporte, enquanto conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física, impede o desenvolvimento dos outros elementos da cultura corporal. Adorno (1995, p.161) também reforça esse pensamento que viemos construindo neste texto, ao ampliar a discussão para o debate sobre a competição humana. Segundo o último autor citado, quando não bem definida e orientada, a competição, e incluímos aqui a esportiva, pode levar o aluno à um estado de “barbárie”, nos remetendo à reflexão sobre como o papel do professor é fundamental na

sua atribuição de orientar e formar, buscando questionar e refletir sobre questões que permeiam as relações sociais, incluindo as práticas corporais e educativas.

Reconhecemos, apoiados nas reflexões de Adorno (1995, p.163), como o Jiu-jitsu também tem função lúdica na formação humana. Afinal, para o autor, a compreensão esportiva das lutas na escola deve ser analisada com cautela pelo professor, sendo papel do mesmo,

[...]diminuir o peso das formas muito primitivas e marcadas da competitividade na educação física. Isso levaria a um predomínio do aspecto lúdico no esporte frente ao chamado desempenho máximo. Considero esta uma inflexão particularmente humana inclusive neste âmbito dos exercícios físicos. (ADORNO, 1995, p. 163).

Rufino (2012) apresenta a reflexão de como os esportes convencionais impedem uma aproximação das práticas corporais (Lutas, danças e atividades rítmicas, ginásticas, práticas corporais alternativas, atividades físicas de aventura, jogos) na vida do aluno, o argumento do autor é que o ensino de lutas, além de qualidades corporais, possui riqueza histórica e social. Outra dificuldade encontrada no ensino de Lutas no ambiente escolar é a de que o professor não se sente seguro em ensinar essa prática corporal, esta relação se dá por uma defasagem na formação, pois o professor, na maior parte das vezes, opta por ensinar aquilo que ele possui domínio de tratamento pedagógico (RUFINO; DARIDO, 2011).

Essa carência na formação do professor de educação física foi investigada por Correia e Franchini (2010), após realizarem estudo que descreve como a influência da concepção esportivista para o ensino da Educação Física é um agravante tão considerável quanto a ausência dos conteúdos de Lutas na literatura, na universidade e na escola.

3.3 Jiu-jitsu, ensino e formação humana

Quando Almeida (2016) discute em sua tese às impressões obtidos após analisar o ensino das artes marciais ou lutas corporais presente na educação física enquanto disciplina (escolar) modulada e influenciada pelas Ciências Humanas e Sociais, ele implica em como essa área de conhecimento carece de fundamentações teóricas, conceituais, que permitam a leitura política em que se construiu (e constrói) a trajetória destas manifestações.

Observou-se também através de Rufino e Darido (2011), Correia e Franchini (2010), Rufino (2012), Rufino e Martins (2011) e Kunz (2014), gargalos que distanciam

o ensino dessas práticas corporais dentro da sala de aula. Os autores ilustraram no tópico anterior o baixo número de artigos da Educação Física que tratam das Lutas dentro do ambiente escolar, a dificuldade e insegurança do professor de educação física em lecionar o Jiu-jitsu como prática corporal, uma má formação acadêmica que se mistura à uma escassez de conteúdo metodológico na literatura e também o esporte enquanto conteúdo predominante das aulas de Educação Física impedindo o desenvolvimento dos outros elementos da cultura corporal.

O anseio dessa pesquisa é justamente o de analisar as fragilidades no processo pedagógico ao ensino das lutas, uma vez que já ressaltado nesse texto, sua inserção no processo de formação humana empenha destaques e vantagens. Para aprofundar a destinação desse capítulo, recorre-se à compreensão de Kant (1999) sobre o papel da educação, para ele “o homem não pode se tornar verdadeiramente homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz” (p. 15).

No processo histórico apresentado no primeiro capítulo, observamos o homem como indivíduo que luta para sua construção desde o nascimento, também implicou-se como o Jiu-jitsu brasileiro se popularizou à partir de uma concepção higienista da época, trabalhada pela publicidade da Família Gracie.

Kant (1999) afirma pressupostos de que o ser humano precisa ser educado ao longo de toda sua trajetória. Expressa-se então pela pedagogia de Kant (1999), pela didática comunicativa em Kunz (2014) e ludicidade das práticas corporais na teoria crítica de Adorno (1995), como o homem – aqui lê-se o Aluno – através da educação sai da minoridade para que atinja, progressivamente, a maioridade, sendo a educação considerada a arte de capacitar o aluno autônomo, emancipado.

Aproximar o universo do Jiu-jitsu da realidade cotidiana dos alunos, nos remete à outra reflexão de Kant (1999) sobre o processo educacional. O Jiu-jitsu não pode ser displicente, uma vez que estamos falando de uma atividade corporal com finalidades de defesa pessoal e até a subjugação fatal entre corpos, dentro de uma perspectiva de proteção territorial, ideológica, familiar, entre outras.

Rufino e Martins (2011) compreendem a complexidade do Jiu-jitsu como prática disciplinar e também indagam as possibilidades do ensino dele na escola, “quebrar paradigmas historicamente criados e, sobretudo, incluir o ensino do jiu jitsu em procedimentos que visem refletir sobre a prática dessa modalidade em todos os níveis possíveis de serem abordados (física técnica, filosófica e educacionalmente)” (p.87). Como veremos nos capítulos seguintes, uma construção midiática sobre a imagem do Jiu-

jitsu como uma prática agressivo e para pessoas agressivas, foi difundida na década de 2000.

Pretende-se, após argumentos apresentados, contribuir com a qualificação do discurso que possa favorecer o melhor conhecimento e aprendizagem sobre o Jiu-jitsu, de modo que, quem aproxime desta prática corporal, desenvolva uma postura mais crítica e reflexiva sobre as possibilidades formativas que apresenta. Entendemos que a legitimação de um discurso crítico sobre as lutas vai ao encontro da perspectiva de valorização da democratização do acesso às suas múltiplas possibilidades, permitindo que diferentes corpos com diferentes níveis de treino e de ambos os sexos, sintam-se motivados para vivenciar juntos as experiências que as lutas e o Jiu-Jitsu pode proporcionar.

4 ROUND 3

Para que se atinja os objetivos deste texto monográfico, utilizou-se de uma proposta metodológica Quanti-qualitativa, interpretando os dados coletados ao longo da trajetória de pesquisa. Como veremos ao longo deste capítulo, inicialmente houve uma seleção das fontes de dados, posteriormente adotado critérios de inclusão e exclusão, análise temática a partir das palavras chaves selecionadas, critério de escolha, identificação e seleção do material e por fim interpretação dos dados.

Com a proposta de expandir o estudo do Jiu-Jitsu na Educação Física, tratamos de elaborar neste trabalho uma revisão sistemática, aos moldes da pesquisa tipo bibliográfica, em busca de contribuir para o entendimento sobre a produção do conhecimento sobre Jiu-Jitsu e sua contribuição para pensar a relação desta prática corporal com a Educação Física.

Gomes e Caminha (2014), reforçam como a reunião de conhecimento é importante para a construção de um material que se proponha produzir o estado da arte. A importância de se definir critérios (exclusão/inclusão) e também uma conclusão que expanda informações ao conteúdo estudado. Ainda segundo o autor citado,

[...] a revisão de literatura (ou revisão narrativa) é sempre recomendada para o levantamento da produção científica disponível e para a (re)construção de redes de pensamentos e conceitos, que articulam saberes de diversas fontes na tentativa de trilhar caminhos

na direção daquilo que se deseja conhecer. No entanto, este método, de caráter descritivo-discursivo, não costuma apresentar características de reprodutibilidade e repetibilidade, tornando-se demasiadamente empírico, obscuro, e/ou inconclusivo na opinião de alguns pesquisadores (GOMES; CAMINHA, 2014, p. 396).

Resgatar e analisar as produções de conhecimento do Jiu-jitsu na Educação Física Escolar, nosso foco de análise, pode permitir observar de forma crítica e aprofundada, como essa área de conhecimento tem se organizado em suas produções, compreendendo a realidade e a essência das práticas corporais como ferramenta na ampliação intelectual e criativa do professor de Educação Física e do aluno (TRIVIÑOS, 1987).

A revisão de literatura (ou revisão narrativa) é sempre recomendada para o levantamento da produção científica disponível e para a (re)construção de redes de pensamentos e conceitos, que articulam saberes de diversas fontes na tentativa de trilhar caminhos na direção daquilo que se deseja conhecer (GOMES; CAMINHA, 2014, p. 396).

A revisão sistemática vem sendo utilizada como método para suprir a lacuna da inconclusão deixada pelas revisões narrativas (GOMES; CAMINHA, 2014). Para se formalizar a ideia desta expansão científica, delimitou-se neste estudo nove (9) revistas científicas para realização da pesquisa, escolhidas a partir de reuniões acadêmicas com a orientação e coordenação deste projeto.

Por fim a análise de dados, que segundo Minayo (2004) ocorre através de uma produção textual, onde cada um dos instrumentos utilizados ao longo da pesquisa formam uma cadeia de evidências e registros. Importante deixar claro na estruturação da análise, que ele deve ocorrer por meio de categorias, considerando regras claras de inclusão e exclusão do material empírico. Consideramos ainda que as categorias não podem ser muito amplas, devem ser objetivas e contemplar todos conteúdos possíveis que envolvam o universo das lutas: compreensão da história, técnica, discussão de gênero, possibilidade formativa). E essa etapa foi construída na medida que a pesquisa e a análise de dados foi se estruturando.

O desenvolvimento metodológico foi guiado sistematicamente e sequencialmente pelos seguintes critérios: Critério de inclusão e exclusão; Análise temática; Critérios de escolha; Coleta de dados; e Análise de Dados.

4.1 Seleção das fontes de dados para identificação do material empírico: critérios de inclusão e exclusão

Nesta primeira etapa da revisão, compreendemos através de Sampaio e Mancini (2007) que o estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão dos artigos e, acima de tudo, uma análise criteriosa da qualidade da literatura selecionada, demonstra como uma revisão sistemática requer uma pergunta clara, definindo uma estratégia de busca: como a educação física tem compreendido o Jiu-jitsu em suas produções acadêmicas?

O primeiro critério de inclusão adotado foi a seleção dos periódicos que serão investigados, considerando a necessidade de excluir aqueles materiais e revistas que não se enquadram nos critérios de inclusão utilizados por esse trabalho. Após reunião entre aluno e orientação, consideramos como critério para inclusão nove (9) revistas científicas da Educação Física brasileira, que possuem as maiores classificações Qualis no Brasil. As monografias, teses, doutorados foram excluídos desta busca, permeando apenas os artigos científicos publicados nas revistas brasileiras selecionadas, permitindo analisar os resultados de pesquisas feitas com o termo Jiu-jitsu.

Seguem abaixo os periódicos científicos da Educação Física selecionados para a identificação do material empírico, acompanhados de suas descrições e identificação institucional.

- **Revista Pensar a Prática:** editada sob a responsabilidade institucional da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás.
- **Revista Motrivivência:** é um periódico editorial Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva (LaboMídia), com o apoio do Centro de Desportos e do Portal de Periódicos UFSC.
- **Revista Movimento:** Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
- **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde (RBAFS):** periódico oficial da Sociedade Brasileira de Atividade Física & Saúde;
- **Revista Licere:** editada pelo Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais;
- **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE):** Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo;
- **Revista Brasileira de Ciências do Esporte:** do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte;
- **Revista Motriz:** revista de Educação Física da Universidade Estadual Paulista;

- **Revista de Educação Física – Journal Of Physical Education:** do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

4.2 Análise temática: Jiu-tsu, Jiu-jitsu, Jiu jitsu

Após definida a seleção de revistas, a palavra chave para a busca em todas elas ficou definida como: Jiu-jitsu. Vale destacar que para identificar e analisar o tema proposto nesta pesquisa, investigou-se o máximo de alterações dentro de todo o material pesquisado, de acordo com o interesse particular delineado pelos objetivos aqui citados anteriormente (BRAUN; CLARKE, 2006, apud VICENTINI; MARQUES, 2018), pesquisando Jiu-jitsu em três variações durante as buscas: Jiu jitsu (separado); Jiu-jitsu (junto); Jiu-jitsu (com hífen).

Seguindo a lógica de Gomes e Caminha (2014), para uma melhor análise na revisão sistemática proposta, o conteúdo identificado necessitou estreitar ruídos no processo de busca, expandido o uso dos uni-termos, descritores ou palavras-chave. Em todas as revistas buscou-se o máximo de trabalhos produzidos com a palavra chave definida em questão, chegando ao total de 25 artigos. Importante destacar que em duas revistas não foram encontrados nenhum trabalho produzido com a palavra-chave em questão.

4.3 Critério de escolha: recorte temporal

Como critério para a seleção dos artigos pesquisados esta pesquisa não se limitou em fazer um recorte temporal, portanto todos os 25 artigos que apareceram nas buscas, respeitando a alteração da palavra-chave, foram salvos. No decorrer da pesquisa, o tempo do objeto pesquisado se alinhou com a evolução das etapas de produção, o critério de escolha do tempo de publicação dos artigos no presente ensaio se deu não só para acastelar informações, mas acompanhar o curso científico de um período específico como destaca Gomes e Caminha (2014).

Esse percurso surgiu diante da própria execução, o artigo mais antigo, datado nesta pesquisa foi publicado em 2000 e o mais recente em 2020. Vale destacar que a análise feita nesta pesquisa é de 20 anos de publicação feita nas sete revistas, mas esse recorte temporal só foi refletido após identificação do Material Empírico total. Logo a opção por não definir um tempo específico acabou por se estruturar diante da execução da pesquisa.

4.4 Identificação do material empírico

Após feita seleção de fontes, análise temática e critérios de escolha, as sete revistas científicas investigadas nos apresentaram um total de 25 artigos. Na construção do **Quadro 1**, identificou-se o material através da revista pesquisada, nome do(s) autor(es), título do artigo e data de publicação. Ressalta-se que a construção feita nesta etapa da pesquisa ainda não se preocupou com os materiais coletados, cabendo após a reunião dos dados uma leitura prévia dos 25 artigos, para assim dar encaminhamento ao caminho metodológico deste trabalho:

Quadro 1 – Periódicos com as palavras-chaves: Jiu-jitsu, Jiu Jitsu ou Jiu-jitsu (continua)

Periódico	Autor	Título	Data
Revista Pensar a Prática	Elisa Abrão	As relações entre arte e tecnologia a dança híbrida do cena 11	2007

Quadro 1 – Periódicos com as palavras-chaves: Jiu-jitsu, Jiu Jitsu ou Jiu-jitsu (continuação)

Periódico	Autor	Título	Data
Revista Pensar a Prática	Samuel Oliveira Thomazini Cláudia Emília Aguiar Moraes Felipe Quintão Almeida	Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de Mixed Martial Arts	2008
	Orozimbo Cordeiro Júnior	Em busca da construção de uma proposta teórico-metodológica para o ensino do Judô escolar	2000
	José Luiz Cirqueira Falcão	Para além das metodologias prescritivas na educação física a possibilidade da capoeira como complexo temático no currículo de formação profissional	2004
Revista Motrivivência	Fabiano Filier Cazetto	Lutas e artes marciais na escola “das brigas aos jogos com regras”, de Jean-Claude Olivier [Porto Alegre ARTMED, 2000	2008
	Darla De Carvalho Barreto Rodrigo Silva Perfeito	Motivação de crianças e adolescentes praticantes de esportes em projetos de inclusão social do Rio de Janeiro	2018

	Juliano Marques Franco Rosane Camila de Godoi Hélio Mamoru Yoshida Fernanda Tartalha do Nascimento Paula Teixeira Fernandes	Benefícios psicológicos do Slackline relação entre estado de fluxo, tempo de prática e qualidade de vida	2020
Revista Motrivivência	Fabiano Filier Cazetto	Jiu-Jitsu brasileiro e Vale-Tudo o uso de novas tecnologias no ensino de lutas e artes marciais	2010
	Bernardo De Oliveira Gomes Jorge Felipe Fonseca Moreira Felipe da Silva Trian	As representações sociais de universitários de um curso de educação física da zona oeste do Rio de Janeiro sobre o Jiu-jitsu brasileiro	2019
	Vagner Augusto De Oliveira Schmidt João Francisco Magno Ribas	A lógica interna das lutas corporais implicações iniciais para o ensino-aprendizagem-treinamento do brazilian Jiu-jitsu	2020

Quadro 1 – Periódicos com as palavras-chaves: Jiu-jitsu, Jiu Jitsu ou Jiu-jitsu (continuação)

Periódico	Autor	Título	Data
Revista Movimento	Riqueldi Straub Lise Natasha Santos André Mendes Capraro	“A legenda dos Gracie”: uma análise da crônica de Nelson Rodrigues	2014
	Roberto Alves Garcia Nádia Lima da Silva Sebastião Josué Votre	A luta livre no século XX no Rio de Janeiro	2016
	Riqueldi Straub Lise Natasha Santos Fernando Renato Cavichioli André Mendes Capraro	A biografia escrita por Reila Gracie e as fontes jornalísticas: revisando a história hegemônica	2017
	Lucas Vicentini Renato Francisco Rodrigues Marques	A produção científica sobre o Jiu-jitsu: análise dos artigos, teses e dissertações publicados entre 1996 e 2016	2018
	Bruno Linck Jorge Moreira Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro	Resenha do livro "filho teu não foge a luta: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial", escrito por Fellipe Awi, Editora Intrínseca, 2012	2013
Revista Brasileira de Atividade	---	---	---

Física & Saúde (RBAFS)			
Revista Licere	Karoline Costa Ferreira Edmur Antonio Stoppa	Gestão de esporte e de lazer: análise dos espaços e equipamentos de esporte recreativo e de lazer na subprefeitura de São Miguel – SP	2016
	Jonathan Rocha Oliveira Pauline Peixoto Iglesias Vargas André Mendes Capraro Gustavo Elias Zaniol	Narrativas de torcedores organizados praticantes de artes marciais acerca da violência no futebol paranaense	2020
	Bianca Inácio da Luz Ferreira Olívia Cristina Ferreira Ribeiro	Esporte universitário, flag e lazer sério	2018

Quadro 1 – Periódicos com as palavras-chaves: Jiu-jitsu, Jiu Jitsu ou Jiu-jitsu (conclusão)

Periódico	Autor	Título	Data
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE)	Leonardo De Sousa Fortes Saulo Fernandes Melo de Oliveira Lilyan Carla Vaz Mendonça Geraldo José Santos Oliveira Pedro Pinheiro Paes Antônio Manuel Leal Ferreira Mendonça da Fonseca	Os comportamentos de risco para os transtornos alimentares atenuam a agilidade e a impulsão vertical em atletas de esportes de combate?	2017
	Lucas Vicentini Renato Francisco Rodrigues Marques	Formação esportiva no Jiu-jitsu: generalizações e particularidades na perspectiva de atletas brasileiros de elite	2018
	Bruno Brasil Suzete Chiviacowsky Fabrício Boscolo Del Vecchio Cristine Lima Alberton	Comparação do equilíbrio dinâmico entre praticantes de brazilian Jiu-jitsu com diferentes níveis de experiência	2015
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	Riqueldi Straub Lise André Mendes Capraro	Primórdios do Jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no brasil: contestando uma memória consolidada	2018

	Alvaro Rego Millen Netoa Roberto Alves Garcia Sebastião Josué Votre	Artes marciais mistas: luta por afirmação e mercado da luta	2012
Revista Motriz	Daniel Bartholomeu José Maria Montiel Afonso Antonio Machado	Validity of internal structure of the competitive state anxiety inventory in a brazilian sample	2014
	Rafaello Pinheiro Mazzocante Ioranny Raquel Castro de Sousa Sérgio Rodrigues Moreira Jonato Prestes Herbert Gustavo Simões Carmen Sílvia Grubert Campbell	The period of the day affects the twenty-four hour blood pressure response to an acute combined exercise session in brazilian Jiu Jitsu athletes	2015
Revista de Educação Física – Journal Of Physical Education	--	--	--

Fonte: autoria própria.

Após o registro total de todos os estudos selecionados para a pesquisa, determinou-se critérios para validar a utilização de cada artigo encontrado. Todos os artigos que não possuem relação alguma com o Jiu-jitsu, nem no título ou que ao longo do texto a palavra-chave tenha surgido como uma breve referência, foram excluídos totalmente da investigação. Os artigos excluídos da seleção estão apresentados no **Quadro 2**:

Quadro 2 – Periódicos não validados para investigação

Periódicos	Artigos	Data
Revista Pensar a Prática	As relações entre arte e tecnologia: a dança híbrida do Cena 11	2007
Revista Motrivivência	Benefícios psicológicos do Slackline: relação entre estado de fluxo, tempo de prática e qualidade de vida	2020
Revista Licere	Esporte universitário, flag e lazer sério	2018

Fonte: autoria própria.

A exclusão dos artigos expostos no **Quadro 2** está intimamente ligada com duas etapas cruciais da pesquisa científica: objetivos e pergunta-problema. Uma vez que o

trabalho se propõe em estudar as produções científicas que envolvem o Jiu-jitsu na Educação Física, a revisão sistemática de literatura é o método que tem critérios pré-determinados e evidências científicas consistentes, auxiliando na produção de estudos e/ou ferramentas para o desenvolvimento de artigos com informações originais. (SCHÜTZ; SANT'ANA; SANTOS, 2011 apud GOMES; CAMINHA, 2014).

Sendo assim o **Quadro 3** nos apresentam artigos que foram eliminados da pesquisa, por possuírem em sua estrutura textual uma citação breve do Jiu-jitsu, como ilustração para a prática corporal, mas que se afasta de conceitos do Jiu-jitsu como luta, arte marcial ou esporte de combate. Após uma leitura aprofundada de todos os artigos escolhidos, foram excluídos:

Quadro 3 – Entendimento da exclusão dos artigos selecionados (continua)

Artigos	Entendimento da exclusão
As relações entre arte e tecnologia: a dança híbrida do Cena 11	O artigo trabalha as relações estabelecidas entre tecnologia e arte a partir da proposta de dança híbrida da Companhia de Dança Cena 11, de Florianópolis, a palavra Jiu-jitsu é citada três vezes como referência para uma relação entre a técnica e tecnologia utilizada no Balé Clássico e no Jiu-jitsu como práticas corporais.

Quadro 3 – Entendimento da exclusão dos artigos selecionados (continua)

Artigos	Entendimento da exclusão
Benefícios psicológicos do Slackline: relação entre estado de fluxo, tempo de prática e qualidade de vida	Esse estudo teve o objetivo de avaliar o nível de Estado de Fluxo de praticantes de Slackline e relacioná-lo com a qualidade de vida dos indivíduos, a palavra Jiu-jitsu não aparece nenhuma vez ao longo do texto.
Esporte universitário, flag e lazer sério	Os objetivos desse estudo foram verificar a presença das qualidades do lazer sério nos atletas de flag do time masculino Eucalyptus Unicamp e verificar a importância do esporte em suas vidas, o termo Jiu-jitsu aparece uma única vez ao longo do texto destacando que a prática também acontece no local onde o time da Unicamp treina.

Fonte: autoria própria.

4.5 Seleção do material empírico considerando as subáreas de pesquisa

Segundo Gomes e Caminha (2014), ao encontrar os estudos de interesse, o pesquisador pode lidar com vários problemas ao longo da pesquisa. No entanto, é preciso compreender que todas essas etapas fazem parte da revisão sistemática, observação que

ressaltou a dificuldade em excluir artigos neste momento, uma vez que muitos dos trabalhos encontrados citam o Jiu-jitsu de forma breve, mas que no contexto geral os temas dessas produções científicas estão relacionados com as Lutas, Esportes de Combate e Artes Marciais, nos exigindo não excluir tais artigos.

Já na próxima etapa de seleção, tratamos de dividir os artigos selecionados em dois grupos: no primeiro foram selecionados artigos que de fato possuem no título, resumo e objetivo geral o Jiu-jitsu; no segundo grupo, artigos que fazem citações às Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate. Veja no **Quadro 4** como se deu a nova seleção.

Quadro 4 – Diferenciação em grupos 1 e 2 da lista de periódicos determinada pelo objetivo geral (continua)

Grupo	Artigos
Grupo 1: Jiu-Jitsu e Educação Física	A biografia escrita por Reila Gracie e as fontes jornalísticas: revisando a história hegemônica
	A produção científica sobre o Jiu-jítsu: análise dos artigos, teses e dissertações publicados entre 1996 e 2016
	“A legenda dos Gracie”: uma análise da crônica de Nelson Rodrigues

Quadro 4 – Diferenciação em grupos 1 e 2 da lista de periódicos determinada pelo objetivo geral (continuação)

Grupo	Artigos
Grupo 1: Jiu-Jitsu e Educação Física	Primórdios do Jiu-Jitsu e dos confrontos intermodalidades no Brasil: contestando uma memória consolidada
	Comparação do equilíbrio dinâmico entre praticantes de Brazilian Jiu-Jitsu com diferentes níveis de experiência
	Formação esportiva no jiu-jitsu: generalizações e particularidades na perspectiva de atletas brasileiros de elite
	Jiu-Jitsu brasileiro e Vale-Tudo: o uso de novas tecnologias no ensino de lutas e artes marciais
	A lógica interna das lutas corporais: implicações iniciais para o ensino-aprendizagem-treinamento do Brazilian Jiu-Jítsu
	As representações sociais de universitários de um curso de educação física da zona oeste do rio de janeiro sobre o Jiu-Jítsu brasileiro
	The period of the day affects the twenty-four hour blood pressure response to an acute combined exercise session in Brazilian Jiu Jitsu athletes
Grupo 2: Lutas, Esportes de Combate,	A luta livre no século XX no Rio de Janeiro
	Resenha do livro "filho teu não foge a luta: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial", escrito por Fellipe Awi, Editora Intrínseca, 2012.

Artes Marciais e Educação Física	Para além das metodologias prescritivas na educação física: a possibilidade da capoeira como complexo temático no currículo de formação profissional
	Em busca da construção de uma proposta teórico metodológica para o ensino do judô escolar
	Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de Mixed Martial Arts
	Artes marciais mistas: luta por afirmação e mercado da luta
	Os comportamentos de risco para os transtornos alimentares atenuam a agilidade e a impulsão vertical em atletas de esportes de combate?
	Narrativas de torcedores organizados praticantes de artes marciais acerca da violência no futebol paranaense
	Gestão de esporte e de lazer: análise dos espaços e equipamentos de esporte recreativo e de lazer na subprefeitura de São Miguel – SP
	Motivação de crianças e adolescentes praticantes de esportes em projetos de inclusão social do Rio de Janeiro
	Lutas e artes marciais na escola: “das brigas aos jogos com regras”, de Jean-Claude Olivier [Porto Alegre: ARTMED, 2000]

Quadro 4 – Diferenciação em grupos 1 e 2 da lista de periódicos determinada pelo objetivo geral (conclusão)

Grupo	Artigos
Grupo 2: Lutas, Esportes de Combate, Artes Marciais e Educação Física	Validity of internal structure of the competitive state anxiety inventory in a brazilian sample

Fonte: autoria própria.

Após conclusão das quatro etapas anteriores e a apresentação da metodologia que compõe esta pesquisa, busca-se apresentar o “caminho do pensamento” e a “prática exercida” na apreensão da realidade (LIMA; MIOTO, 2007). Para tanto, o enfoque esteve direcionado aos aspectos da estrutura metodológica dos artigos acadêmicos, lidos e selecionados, que discutissem o Jiu-jitsu como prática corporal da Educação Física.

Ao longo da leitura dos artigos descritos como “Jiu-jitsu e Educação Física” determinou-se uma nova etapa nessa investigação. Os artigos selecionados no **Quadro 5** foram subdivididos em mais dois grupos: 1-Sociocultural e Pedagógica; 2-Biodinâmica.

A subárea biodinâmica é formada por linhas de pesquisa básica ou aplicada, orientadas pelas ciências naturais (MANOEL; CARVALHO, 2011 apud VICENTINI;

MARQUES, 2018), a subárea sociocultural e pedagógica se relaciona à pesquisa que desenvolve temáticas em interface com as ciências humanas e sociais (CARNEIRO, 2016 apud VICENTINI; MARQUES, 2018).

Esta subdivisão está descrita no Quadro 5:

Quadro 5 – Subdivisão em 1-Sociocultural e Pedagógica; 2-Biodinâmica (continua)

Subdivisão	Artigos
1-Sociocultural e Pedagógica	A biografia escrita por Reila Gracie e as fontes jornalísticas: revisando a história hegemônica
	A produção científica sobre o Jiu-jitsu: análise dos artigos, teses e dissertações publicados entre 1996 e 2016
	“A legenda dos Gracie”: uma análise da crônica de Nelson Rodrigues
	Primórdios do Jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no brasil: contestando uma memória consolidada

Quadro 5 – Subdivisão em 1-Sociocultural e Pedagógica; 2-Biodinâmica (conclusão)

Subdivisão	Artigos
1-Sociocultural e Pedagógica	Formação esportiva no Jiu-jitsu: generalizações e particularidades na perspectiva de atletas brasileiros de elite
	Jiu-jitsu brasileiro e Vale-Tudo: o uso de novas tecnologias no ensino de lutas e artes marciais
	A lógica interna das lutas corporais: implicações iniciais para o ensino-aprendizagem-treinamento do brazilian Jiu-jitsu
	As representações sociais de universitários de um curso de educação física da zona oeste do rio de janeiro sobre o Jiu-jitsu brasileiro
2-Biodinâmica	Comparação do equilíbrio dinâmico entre praticantes de brazilian Jiu-jitsu com diferentes níveis de experiência
	The period of the day affects the twenty-four hour blood pressure response to an acute combined exercise session in brazilian Jiu jitsu athletes

Fonte: autoria própria.

Na sequência, para fins de produção da análise dos sentidos que são atribuídos ao Jiu Jitsu, sobretudo na sua relação com o contexto escolar, trataremos de avançar para o

entendimento dos conceitos que estão presentes em cada um dos 8 textos que correspondem e estão vinculados a área sócio-pedagógica da Educação Física, apresentados na primeira coluna do quadro acima, lidos de forma integral.

Para fins de identificação destes textos no decorrer do desenvolvimento da análise que será apresentada, cada artigo estará correspondendo a um número. Veja no **Quadro 6** abaixo a organização do material empírico que será analisado e apresentado.

Quadro 6 – Enumeração dos Artigos selecionados para melhor andamento do texto (continua)

Artigos	Enumeração
A biografia escrita por Reila Gracie e as fontes jornalísticas: revisando a história hegemônica	Artigo 1
A produção científica sobre o Jiu-jitsu: análise dos artigos, teses e dissertações publicados entre 1996 e 2016	Artigo 2
“A legenda dos Gracie”: uma análise da crônica de Nelson Rodrigues	Artigo 3

Quadro 6 – Enumeração dos Artigos selecionados para melhor andamento do texto (conclusão)

Artigos	Enumeração
Primórdios do Jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no brasil: contestando uma memória consolidada	Artigo 4
Formação esportiva no Jiu-jitsu: generalizações e particularidades na perspectiva de atletas brasileiros de elite	Artigo 5
Jiu-jitsu brasileiro e Vale-Tudo: o uso de novas tecnologias no ensino de lutas e artes marciais	Artigo 6
A lógica interna das lutas corporais: implicações iniciais para o ensino-aprendizagem-treinamento do brazilian Jiu-jitsu	Artigo 7
As representações sociais de universitários de um curso de educação física da zona oeste do rio de janeiro sobre o Jiu-jitsu brasileiro	Artigo 8

Fonte: autoria própria.

5 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Destaca-se nesta etapa do trabalho como os dados recolhidos e filtrados passam a ser interpretados diante da investigação proposta no objetivo principal deste texto monográfico. Como tarefa de reflexão, os oito artigos finais analisados revelam (ou tentam revelar) e interpretar a prática do Jiu-jitsu como campo acadêmico da Educação Física brasileira através de uma investigação nas produções científicas realizadas.

O que se pode constatar inicialmente durante a interpretação destas produções acadêmicas é como algumas realidades, até então desconhecidas por este autor, permitiram um encaminhamento para/e como se produzir estas interpretações. No primeiro intuito de investigar sobre o Jiu-jitsu historicamente, conceitos e significados, já nos deparamos com algumas interpretações históricas do Jiu-jitsu em diversos autores: Azevedo (1960) pensando o Jiu-jitsu como arma de guerra; Almeida (2016) o compreende como Arte Marcial; Casado e Villamón (2009) uma luta com princípios morais; Gurgel (2007) filosofia de vida; Rufino e Martins (2011) apresentam investigações do Jiu-jitsu como esporte violento.

Ao longo dos capítulos e das interpretações apresentadas por vários autores, notou-se que muito dos artigos selecionados conseguem responder as visões e definições do Jiu-jitsu, nos aproximando dos objetos de investigação deste texto que se justifica na intenção de expandir na análise da produção acadêmica de uma Educação Física com grande diversidade de termos e conceitos, muitas vezes até mesmo contraditórios (LAZZAROTTI FILHO et al, 2010).

5.1 Concepções de Jiu-Jitsu defendidas

Levanta-se aqui o processo de compreensão das observações feitas sobre o Jiu-jitsu nos oito (8) artigos selecionados. Como Rufino e Darido (2011) apontam, aqueles que não tem acesso ao Jiu-jitsu possuem visão estigmatizada deste esporte, portanto os estudos acerca do Jiu-jitsu só podem ser explorados de fato se observarmos as produções realizadas, mas também aumentar o leque de estudos.

No **Artigo 1**, é feita uma análise de uma biografia escrita por um membro da família Gracie, relacionando a história apresentada no livro com periódicos jornalísticos do Rio de Janeiro no início do século XX. O texto utiliza trechos que destacam a importância de Hélio Gracie na disseminação do Jiu-jitsu no Brasil, inicialmente como luta “superior” dentro das intermodalidades, consolidando o esporte através de uma

estratégia de “desafio”, colocando o Jiu-jitsu como a modalidade de combate e arte marcial mais eficiente e técnica daquele tempo.

O trabalho chega à conclusão de que a biografia escrita por Reila Gracie, enaltece seu pai Hélio Gracie, de forma exagerada e fictícia, contrapondo os materiais jornalísticos da época, que apresentam Hélio Gracie e a família Gracie como pioneira no ensinamento do Jiu-jitsu, mas não com a “supremacia” posta pela autora. Em Almeida (2016) observamos que a família Gracie de fato teve papel de disseminação do Jiu-jitsu no Brasil, mas houve um interesse comercial e elitista em associar o nome deles ao nome do esporte.

No **Artigo 2** a proposta dos autores se aproxima muito com o método utilizado neste trabalho, mas com objetivos distintos. O artigo auxiliou no processo de compreensão de algumas etapas deste texto e também se trata de uma revisão sistemática de literatura⁵, que buscou compreender na produção científica o Jiu-jitsu, de modo a identificar tendências, lacunas e possibilidades de desenvolvimento de pesquisa.

Os autores do **Artigo 2** analisaram teses, artigos e dissertações publicados de 1996 até 2016, dividindo as produções científicas sobre o Jiu-jitsu em desigualdade numérica entre diferentes abordagens e subáreas de pesquisa, bem como disciplinas de estudo; característica heterogênea dos participantes dos estudos, sendo a maioria homens adultos não competidores; o Brasil na produção científica sobre o Jiu-jitsu; o crescimento quantitativo e qualitativo de pesquisas; e o processo de internacionalização de pesquisas. Os autores concluem no artigo que as pesquisas sobre jiu-jitsu no Brasil se encontram em franca expansão, permitindo futuras pesquisas ainda não realizadas.

No **Artigo 3**, uma análise literária, resgata a história do Jiu-jitsu a partir da análise de uma crônica esportiva de 1955 escrita por Nelson Rodrigues no jornal Última Hora, narrando uma luta feita por Carlson Gracie e Waldemar Santana. Este artigo também aborda a família Gracie como disseminadora do jiu-jitsu no Brasil através dos recortes de trechos da crônica escrita, concluído pelos autores que mesmo com uma literatura “exagerada”, Nelson Rodrigues destaca a importância do Jiu-jitsu como novo fenômeno esportivo no Brasil, mas destacando que o Gracie em disputa perdeu a luta, dando suporte

⁵ “Diversos autores classificam de formas diferentes revisões sistemáticas que possuem abordagem qualitativa, quantitativa, ou atendendo a ambos os métodos, sendo respectivamente chamadas de: síntese com análise estatística (podendo esta dividir-se em revisão descritiva ou metanálise), síntese (com uma variedade de possibilidades, devido à riqueza de detalhes própria das pesquisas qualitativas) e revisão integrativa (que une de alguma forma os métodos já citados).” (DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO; TAKAHASHI; BERTOLOZZI, 2011 apud GOMES, 2014).

narrativo para Nelson Rodrigues não evidenciar a supremacia da família na unanimidade do Jiu-jitsu.

O **Artigo 4** foi escrito no procedimento metodológico do paradigma indiciário e teve como objetivo a discussão dos primórdios do Jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no Brasil. Além de discutir a hegemonia da família Gracie na modalidade, ele também destaca a importância de Konde Koma. O texto foi escrito utilizando como referência livros, jornais, revistas, sites de notícias.

A conclusão do **Artigo 4** sugere uma nova origem do Jiu-jitsu no Brasil, seis anos antes de Koma, por um lutador chamado Sada Myiako. Os autores destacam através do resgate histórico a importância da família Gracie, mas vai contra o absolutismo dos Gracies na disseminação do Jiu-jitsu no Brasil. A concepção histórica analisada neste artigo nos remete às reflexões de Azevedo (1960) de um Jiu-jitsu que cumpre papel na história das lutas como elemento da Educação Física, análise que veremos com mais profundidade nos próximos tópicos.

No **Artigo 5** os autores analisam o passado esportivo de seis atletas de alta performance do Jiu-jitsu, com títulos mundiais e expressão no campo. Os autores levantaram o tempo de prática destes atletas, a idade, graduação e especialização no Jiu-jitsu, resultados e medalhas obtidas no circuito esportivo, as modalidades esportivas praticadas antes do Jiu-jitsu, a iniciação, especialização e as anos de investimento no Jiu-jitsu.

Por se tratar de um trabalho que teve como objetivo investigar indicativos socioculturais e pedagógicos que influenciaram a formação esportiva dos atletas brasileiros selecionados, o artigo não possui tópico de conclusão, mas um levantamento de “resultados e discussão”, evidenciando que todos os atletas pesquisados já praticavam algum esporte de combate antes de entrarem no campo do Jiu-jitsu e também como essa pesquisa pode despertar futuras investigações na área pelas baixas produções feitas.

O **Artigo 6** detalha um relato de experiência feito em 2010 em uma escola particular de São Paulo, com alunos do ensino médio de idade entre 16 e 18 anos. Os alunos pediram que o conteúdo de lutas fosse aplicado nas aulas de educação física, mas o pedido foi reprovado levando o professor a ensinar Jiu-jitsu e Vale tudo em aulas externas dentro de uma academia.

O professor contratou um transporte particular para os alunos, e ensinou as modalidades no horário externo das aulas escolares. Um grupo de 15 alunos participaram das aulas e como forma de expandir o conteúdo o professor utilizou de ferramentas tecnológicas para o ensino através de Correio Eletrônico (E-Mail), onde ele fazia planejamento participativo, envio de plano de aula, planejamento contínuo e comunicação extra-classe; Vídeo digital material didático, apresentando recordações pessoais; Youtube, indicando vídeos sobre as lutas; Orkut, como registro; Skype para aplicação do conhecimento.

Os autores no **Artigo 6** concluíram em sua pesquisa como as ferramentas digitais podem ser benéficas para o ensino do Jiu-jitsu e também como por um esforço pessoal do professor permitiu o acesso e vivência das lutas aos alunos. Vale destacar que o projeto político pedagógico da escola rejeitou o ensino do Jiu-jitsu nas aulas de educação física escolar.

No **Artigo 7** os autores utilizam como método a pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, para analisar o Jiu-jitsu sob as lentes da Praxiologia Motriz. As produções científicas que estudam a comunicação praxica e ação motriz se equiparam com a prática pedagógica do Jiu-jitsu, compreendendo os golpes, movimentos, treinos e luta dos praticantes.

O estudo chega à conclusão que o Jiu-jitsu concebido como um sistema praxiológico, pode ser caracterizado como uma prática com interação sociomotriz de oposição. Segundo os autores a pesquisa ajudou a compreender a possibilidade de o aluno desenvolver a capacidade de leitura e adaptação a diferentes adversários, elegendo a melhor estratégia e decisão motriz. Reforçam também a importância de se produzir mais estudos praxiológicos sobre a lógica interna do Jiu-jitsu, para compreender suas relações com o tempo, material, espaço, aplicação dos universais ludomotores.

E por fim o **Artigo 8** é uma pesquisa que buscou em 50 estudantes universitários de Educação Física do Rio de Janeiro a compreensão deles sobre o Jiu-jitsu como uma prática violenta, para isso os autores realizaram uma pesquisa exploratória, com levantamento bibliográfico e entrevistas. Os autores concluíram que a maioria dos alunos entrevistados compreendem o Jiu-jitsu como uma atividade violenta e perigosa, mas que serve como uma panaceia para se aprender bons costumes.

A pesquisa destacou que grande parte da compreensão do Jiu-jitsu ser visto como violento ocorre em como a modalidade era vista na década de 2000, e também a forma violenta que a mídia associou a esse esporte. O estudo implica que é necessário expandir a compreensão crítica e reflexiva sobre o Jiu-jitsu para os futuros professores de Educação Física combatendo as representações sociais que depõem contra a imagem do Jiu-jitsu. Os autores sugerem que mais intervenções nos campos científicos e interventivos sejam desenvolvidas para combater as representações sociais que vêm sendo compartilhadas sobre os esportes de luta.

5.2 Compreensão e relação entre Jiu-Jitsu e Educação Física

Na observação sobre o Jiu-jitsu abordado como reflexão crítica, prática e teórica na formação humana (no caso os alunos da comunidade escolar), recorremos, como dito no início deste projeto, que nos apoiamos na perspectiva emancipatória de dois autores, Elenor Kunz (2014) e Theodor W. Adorno (1995). Após a filtragem dos artigos escolhidos, nos debruçamos ao máximo em artigos que dialogam com a Educação Física.

Quando nos deparamos com os oito artigos finais, muitas hipóteses que foram pensadas no início desta pesquisa se modificaram, mas também se reforçam, Rufino (2012), Rufino, Martins (2011) e Almeida (2016), já nos mostraram como o Jiu-jitsu passa por dificuldade ao se inserir no ambiente escolar como suporte da Educação Física, esta pesquisa mantém a motivação destas dificuldades, o primeiro, **Artigo 1** cita uma única vez em seu texto a Educação Física, quando conta sobre uma luta histórica entre Carlos Gracie e o capoeirista Samuel, numa tentativa de mostrar o pioneirismo de Carlos como o precursor deste tipo de confronto entre modalidades distintas de luta, o juiz da luta era um professor de Educação Física e lutador da época.

Por mais que o **Artigo 1** não se preocupe inteiramente com questões técnicas ou pedagógicas do Jiu-jitsu na Educação Física, este texto nos remete ao processo de estruturação do Jiu-jitsu, na escola, na sociedade e no Brasil (AZEVEDO, 1960). Discussão muito parecida à esta é feita no **Artigo 3**, que ressalta o aspecto do Jiu-jitsu na história das lutas brasileiras, numa tentativa de consolidar esta luta como completa e eficiente, e também pela disseminação hegemônica da família Gracie, (ALMEIDA, 2016).

O **Artigo 2**, compreende através de uma revisão sistemática os movimentos pedagógicos do Jiu-jitsu, este texto também auxilia pesquisadores em seu papel de

construir materiais relevantes para os avanços científicos, como os autores deixaram expostos nele. Muitos aspectos foram destacados na pesquisa feita no **Artigo 2**, escassez de estudos que envolvam mulheres, idosos, pessoas com deficiência, baixo número de publicações que mostrem a aplicação do Jiu-jitsu no ambiente escolar, envolvimento heterogêneo dos praticantes de Jiu-jitsu, poucas produções que observem o Jiu-jitsu como esporte de combate voltado para o alto rendimento, uma maioria de textos que mostrem modificações fisiológicas pelos praticantes de Jiu-jitsu.

Foi possível diagnosticar no **Artigo 2** que dentro dos programas de pós-graduação brasileira em Educação Física, a maioria dos trabalhos pesquisados sobre Jiu-jitsu estão relacionados com a subárea da biodinâmica. Outro dado importante entre a relação jiu-jitsu e educação física que o artigo apresenta é que no Brasil o Jiu-jitsu se destaca fortemente no cenário competitivo e é também onde tem os maiores números de pesquisadores e instituições que avaliam sobre a modalidade. A maior parte dos pesquisadores estão localizadas no Sul e Sudeste do Brasil e também estão nos grupos de pós-graduação em Educação Física.

Os autores detectaram que existe um avanço de pesquisas sobre o Jiu-jitsu na Educação Física, e que a maioria das publicações feitas estão nos estratos Qualis A2 e B1⁶. O número de pós-graduação stricto sensu em Educação Física no Brasil com discussões sobre o jiu-jitsu também aumentou consideravelmente no período que o estudo investigou (1996-2006).

O **Artigo 4** aproxima o Jiu-jitsu de um sistema da própria Educação Física, trazido e apresentado pelos japoneses com fundamentações moral e intelectual, o colocando como uma prática da elite brasileira⁷. Esse mesmo Jiu-jitsu antes mesmo de chegar à

⁶ “Constatou que a maioria dos artigos sobre o jiu-jítsu foi classificada nos estratos Qualis A2 e B1, sendo relevante também o número de publicações com classificação A1. Brauer et al. (2014), ao analisarem publicações datadas entre 1998 e 2011, envolvendo L/AM/MEC, em 36 periódicos com classificação Qualis A1 e A2, com relação direta com a Educação Física, encontraram uma proporção semelhante ao observado no jiu-jítsu neste trabalho, no que diz respeito às subáreas de pesquisa. Porém, os autores não identificaram nenhuma publicação relacionada especificamente ao jiu-jítsu em periódicos com esta classificação (A1 e A2). Os dados do presente estudo evidenciam uma tendência de crescimento qualitativo da pesquisa no jiu-jítsu nos últimos anos”. (VICENTINI; MARQUES, 2018, p. 1347).

⁷ “A prática do jiu-jítsu, no entanto, percorre, ao longo do século passado, uma trajetória diversa e mais complexa. É introduzido como uma escola de educação física oriental para uma classe média emergente, é aculturado para servir como sistema de defesa pessoal de uma elite e finalmente transforma-se em uma arte marcial brasileira massificada e globalizada via sua expansão na classe média carioca”. (CAIRUS, 2014, p.2).

população brasileira já participava de uma formação das forças armadas, uma Educação Física militarizada e voltada para o combate e defesa pessoal.

O **Artigo 5**, levanta questões bem específicas da Educação Física, pensando no esporte, no atleta, no alto rendimento. Os sujeitos investigados no estudo contam suas experiências esportivas antes de terem acesso ao Jiu-jitsu e é unânime como todos tiveram acesso às práticas esportivas na Educação Física escolar, mantendo um discurso de apreciação e prazer pelos esportes.

Por ser uma pesquisa que retrata o alto rendimento de atletas do Jiu-jitsu, os autores apontam para as seguintes linhas de pesquisa e investigação da Educação Física: participação recreativa, aprimoramento da saúde física, prazer pela prática esportiva, redução da saúde física, participação recreativa através de vivências diversificadas, introdução ao esporte, esporte na infância, especialização esportiva precoce⁸, perfil morfológico dos atletas, semelhança entre as práticas do ponto de vista motor, fisiológico, técnico e cognitivo.

O **Artigo 6**, nos mostra uma dedicação ao Jiu-jitsu, dentro da Educação Física, permitindo acesso à essa prática pedagógica através do interesse de toda a comunidade escolar (pais, alunos, professor e escola). O que fica evidente nesta pesquisa é em como o professor de Educação Física se dedicou inteiramente em transmitir o ensino do Jiu-jitsu fora até mesmo do horário das aulas.

Este texto nos aproxima de uma realidade vivida atualmente na Educação Física, que é a educação remota. O professor utilizou de ferramentas tecnológicas, redes sociais, materiais multimídia, para alcançar o objetivo de lecionar o Jiu-jitsu como conteúdo da Educação Física. O autor utiliza como argumento em seu texto que a escrita e leitura também são ferramentas da Educação Física e que ele se apropria delas no ensino da prática.

Artigo 6 levanta questionamentos sobre o material didático da Educação Física, permitindo expandir o estudo à uma questão epistemológica da área. A reflexão sobre aproximação do conhecimento de Jiu-jitsu na Educação Física (RUFINO; DARIDO, 2011) é observada neste artigo pelo destaque que o autor dá ao acesso à informação que

⁸ Kunz (1994) destaca que os maiores problemas gerados pelo treinamento esportivo precoce na criança estão ligados à uma formação escolar deficiente, o desenvolvimento se torna unilateral e afasta esta criança do mundo infantil e também a saúde física e psíquica.

ele mesmo se esforçou em garantir. Antes da prática os alunos tiveram acesso a história, vídeos de lutas e competições, golpes e técnicas por meio das ferramentas tecnológicas, como recurso da Educação Física.

O **Artigo 7** entende as práticas corporais⁹ como conteúdo da Educação Física e realiza uma investigação a partir do método da Praxiologia Motriz para compreender o Jiu-jitsu. A proposta dos autores é mostrar como a prática do Jiu-jitsu nos conceitos da ação motriz podem compreender o funcionamento e também o resultado da prática no desenvolvimento do praticante. Para fazer o mapeamento os autores investigaram à partir de uma pesquisa bibliográfica e exploratória das Lutas Corporais, ensino-aprendizagem-treinamento, na Educação Física.

Os autores do **Artigo 7** também desenharam os movimentos técnicos e golpes do jiu-jitsu na proposta da ação motriz, observaram a sustentação da Base Nacional Comum Curricular em relação ao Jiu-jitsu como conteúdo de lutas corporais da Educação Física e também a relação da Praxiologia Motriz com jogos e esportes como expansão de pesquisas na área.

Por fim o **Artigo 8** nos apresenta uma pesquisa com objetivo de mostrar as representações sociais de um grupo de estudante de Educação Física sobre o Jiu-jitsu. Este artigo levanta várias questões sobre a compreensão do Jiu-jitsu e sua interpretação no universo acadêmico como: atuação do Jiu-jitsu na educação física, visão crítica sobre as lutas, visões e compreensões sobre o Jiu-jitsu dos alunos de Educação Física que já praticaram a modalidade e dos que não praticaram.

O estudo avançou também na compreensão de professores de Educação Física em situação escolar e dos alunos da comunidade escolar, mostrando como ambos compreendiam o Jiu-jitsu. Na conclusão do artigo as colocações feitas por Almeida (2016) sobre os déficits na formação em Educação Física são destacadas, uma vez que os próprios graduandos não possuíam conhecimento da prática e estavam afetados por uma noção do senso comum em relação às características do Jiu-jitsu.

5.3 O sentido atribuído ao Jiu-Jitsu como conteúdo escolar

⁹ “De maneira geral, nota-se que o termo “práticas corporais” vem aparecendo na maioria dos textos como uma expressão que indica diferentes formas de atividade corporal ou de manifestações culturais, tais como: atividades motoras, de lazer, ginástica, esporte, artes, recreação, exercícios, dietas, cirurgias cosméticas, dança, jogos, lutas, capoeira e circo”. (LAZZAROTTI FILHO et al, 2010, p. 24).

Ao refletir sobre o Jiu-jitsu como fenômeno cultural, forma de expressão humana (e corporal) e de ação educativas para o desenvolvimento humano, nos deparamos com o posicionamento de Kunz (2014); Correia e Franchini (2010); Rufino; Darido (2011) reiterando que o Jiu-jitsu é escasso na Educação Física escolar por uma maior importância dada aos esportes convencionais.

O **Artigo 1**, **Artigo 3**, **Artigo 4** se aproximam de uma perspectiva do Jiu-jitsu como conteúdo escolar de forma mais branda que os demais artigos. A discussão dos três artigos se assemelha pela importância histórica atribuída ao Jiu-jitsu como conteúdo de uma Educação Física ainda jovem, e com noções higienistas (AZEVEDO, 1960). Pensar no Jiu-jitsu dentro da comunidade escolar a partir da análise destes três artigos, no remete à um Jiu-jitsu inserido no Brasil pela família Gracie, com um intuito mercantil¹⁰.

Outra importância histórica dos artigos citados em relação ao Jiu-jitsu no ambiente escolar é observada quando pensamos na inserção da modalidade na Era Vargas, (ALMEIDA, 2016). Sendo assim os **Artigos 1, 3 e 4** mostram como é necessário que se observe não apenas tecnicamente e pedagogicamente o Jiu-jitsu na escola, mas historicamente, como conteúdo da Educação Física escolar, permitindo a expansão e compreensão dos alunos sobre a modalidade.

A revisão sistemática feita no **Artigo 2**, não possui investigação específica do Jiu-jitsu na escola, mas uma vez que investigue o ensino do Jiu-jitsu na graduação, o texto está ligado diretamente à formação de professores, com possibilidade de expansão da compreensão da modalidade e maior aplicação do Jiu-jitsu em sala de aula. Rufino (2012), Rufino e Martins (2011) e Almeida (2016) nos apresentaram anteriormente uma insegurança por parte do professor de Educação Física em ensinar o conteúdo de lutas na escola, a pesquisa feita no **Artigo 2**, auxilia na escassez do trato pedagógico do Jiu-jitsu na graduação, promovendo conhecimento e até mesmo segurança aos professores em aplicar essa luta na sala de aula.

O **Artigo 5**, se aproxima da comunidade escolar ao mostrar o passado esportivo dos atletas investigados na pesquisa. O que evidenciou neste texto é em como todos os

¹⁰ “[...]mais significativo para a minha análise no presente artigo, o ‘circo eletrônico’ de performances violentas dos Gracie resulta na exportação de praticantes brasileiros de jiu-jítsu. Assim, esta arte marcial se torna mais uma mercadoria cultural brasileira globalizada juntamente com futebol e o samba.” (CAIRUS, 2014, p. 2).

atletas pesquisados tiveram uma aproximação com o universo esportivo ainda na escola. Destaque para os cuidados do alto rendimento na infância e os vários prejuízos disso para a saúde das crianças e alunos (KUNZ, 1994).

Dos artigos estudados o **Artigo 6**, é o que mais se aproxima do contexto escolar, uma vez que a aplicação do Jiu-jitsu neste estudo acontece na própria escola onde o autor trabalha. Neste estudo observamos como as ferramentas tecnológicas podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem do Jiu-jitsu, como a informação e conhecimento tem papel fundamental na aproximação dos alunos para o estudo da modalidade. O autor do **Artigo 6**, se apropriou das leis e diretrizes para argumentar a aplicação do Jiu-jitsu na comunidade escolar, se dedicando em horários extra-aulas, abordando história, conceitos, técnicas, linguagem, movimentos e regras do jiu-jitsu de modo amplo e total¹¹.

O **Artigo 7** defende a implementação do Jiu-jitsu na escola se apoiando na Base Nacional Comum Curricular e se desdobrando nesta possibilidade como conteúdo da Educação Física pensada na Praxiologia Motriz. Mesmo que o estudo não caminhou para uma análise específica desse método na escola, como dito anteriormente, a possibilidade de observar o jiu-jitsu na formação do profissional de Educação Física, aproxima o conteúdo da comunidade escolar. A insegurança do professor em ensinar o Jiu-jitsu em sala de aula também é abordado neste estudo, mas reforçado por uma observação da Praxiologia Motriz no conhecimento do aluno.

Por fim o **Artigo 8**, trabalha com muitos conceitos e representações sociais, portanto observou o Jiu-jitsu no ambiente escolar nas discussões sobre: atividade para meninos ou atividade para meninas, professores acomodados com o ensino escolar sem perspectiva e vontade de transformação na sua mentalidade docente, o Jiu-jitsu como esporte violento, perigoso e lesivo para saúde dos alunos na escola, a influência do poder midiático¹² no imaginário dos alunos da escola, a falta de conhecimento dos alunos por parte de um despreparo e desinteresse dos próprios professores de Educação Física.

¹¹ “As lutas, as artes marciais e as modalidades esportivas de combate (L/AM/MEC) implicam um universo amplo de manifestações antropológicas de natureza multidimensional e complexa. Como um conjunto de práticas socioculturais proveniente de um espectro diversificado de demandas históricas específicas, é possível identificar uma pluralidade muito patente nas suas diferentes configurações sociais, formas de expressão, repertório técnico, linguagens, organização e institucionalização.” (CORREIA; FRANCHINI, 2010, p. 2).

¹² “Por um lado, é possível referir-se à televisão enquanto ela se coloca diretamente a serviço da formação cultural, ou seja, enquanto por seu intermédio se objetivam fins pedagógicos: na televisão educativa, nas escolas de formação televisivas e em atividades formativas semelhantes. Por outro lado, porém, existe uma

O **Artigo 8** mostra noções negativas da aplicação do Jiu-jitsu na escola, mas conclui sua pesquisa nos apresentando como os professores de Educação Física que possuíam uma visão deturpada do Jiu-jitsu, modificaram essa compreensão, gerando assim novas possibilidades para a aplicação desta modalidade em sala de aula.

5.4 Perspectivas e possibilidades do Jiu-Jitsu na educação física

Na interpretação feita anteriormente detectou-se possibilidades e até aplicações concretas do Jiu-jitsu como prática apta à Educação Física escolar. Esta pesquisa desenvolveu uma hipótese para que essa prática seja fundamentada e expanda a proposta desta aplicação, o que foi detectado é que nos oitos (8) artigos finais selecionados em diversos momentos aparece a possibilidade de aplicação do Jiu-jitsu na Educação Física.

Em vários momentos da Interpretação de Dados, nos aproximamos de uma possibilidade pedagógica do Jiu-jitsu, como por exemplo no **Artigo 7** que permeia uma reflexão da didática comunicativa através da psicomotricidade (KUNZ, 2014). No **Artigo 6**, o professor de Educação Física da escola em questão, relata a aplicação do Jiu-jitsu aos alunos através de ferramentas tecnológicas, essa proposta nos remete ao pensamento do Jiu-jitsu como prática pedagógica medida pelo pensamento crítico através da utilização da tecnologia¹³. O desenvolvimento tecnológico auxilia no trato educacional, permitindo que o aluno se aproxime de várias realidades de mundo, o deixando mais “racional” e “menos influenciável”.

Nas questões que afastam o Jiu-jitsu da Educação Física, por conceitua-lo como um esporte violento, agressivo, o **Artigo 8** nos remete a importância do conhecimento técnico, histórico e didático, uma vez que após apresentado a realidade e vivência dessa modalidade, os alunos mudaram suas concepções e interpretações sobre a importância do

espécie de função formatava ou deformativa operada pela televisão como tal em relação à consciência das pessoas”. (ADORNO, 1995, p. 76).

¹³ “Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização d mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade”. (ADORNO, 1995, p. 155).

Jiu-jitsu no ensino superior, na escola e na vida¹⁴. Importância histórica que auxilia na construção de uma teoria crítica, observando as raízes do movimento estudado, o Jiu-jitsu é questionado sobre sua origem no Brasil, e os autores dos **Artigos 4, 3 e 1** se empenham numa tentativa de explicação sobre a hegemonia da Família Gracie como criadora do Jiu-jitsu brasileiro.

A mesma análise também pode ser aplicada ao **Artigo 6 e 7**, em que o ponto de vista dos alunos se modificaram após vivência, conhecimento e aproximação do Jiu-jitsu. A reflexão sobre o papel da competição no ambiente esportivo, pode ser lembrada pela análise de Adorno (1995) no que se refere o papel do esporte na sociedade. Os atletas investigados no **Artigo 5**, passaram por longos períodos de treino intenso para lutarem em competições, todos os 6 atletas investigados refletiram sobre uma possível desistência do esporte por questões físicas (dores e lesões).

Mesmo que o **Artigo 5** não trate especificamente das questões pessimistas que envolvem o esporte de alto rendimento ou características negativas enfrentadas por esses atletas, é importante que o debate seja levantado aqui. Como dito anteriormente por Adorno (1995) a preocupação com a “barbárie” por uma aplicação esportiva mal sucedida na vida esportiva do aluno merece reflexão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando esta investigação teve início as hipóteses pensadas sempre tiveram como objetivo expandir a compreensão do Jiu-jitsu na Educação Física, uma vez analisado desenvolvimento histórico do Jiu-jitsu, interpretando historicamente conceitos e significados, o percurso histórico do Jiu-jitsu se mostrou incoerente e obscuro em várias etapas desta investigação, citarei a seguir dois motivos.

Primeiro: porque a maioria dos relatos, testemunhos e documentos são fornecidos pela família Gracie, que após análise exposta aqui, nos mostrou como sua tentativa hegemônica de disseminação do Jiu-jitsu no Brasil, ofuscou dados relevantes sobre a chegada deste esporte de combate no aqui país, como por exemplo nomes que

¹⁴ “O núcleo desta experiência reside na compreensão do presente como histórico e na recusa de um curso pré-traçado para a história, atribuindo-lhe um sentido emancipatório construído a partir da elaboração de um passado, que parece fixado e determinado apenas como garantia.” (ADORNO, 1995, p. 12).

representam de fato essa história¹⁵. Segundo: porque a história do Jiu-jitsu como foi exposta na mídia televisiva durante década de 2000, se confundiu com a ideia deste esporte ser uma prática de pessoas agressivas, para fins agressivos¹⁶.

A reflexão sobre o Jiu-jitsu como fenômeno cultural, expressão humana e do corpo, e sua capacidade para promover ações educativas necessárias ao desenvolvimento humano, foram apresentadas nos artigos finais analisados durante a metodologia de pesquisa, os artigos e autores aqui estudados nos mostraram como o Jiu-jitsu pensado criticamente consolida de modo sócio-educacional sua importância em sala de aula, no trato pedagógico com toda comunidade escolar.

Mesmo que tenha sido identificado poucos trabalhos que abordem as hipóteses sugeridas anteriormente, esta pesquisa conseguiu expor a importância das pesquisas feitas, sua relevância social e científica, expandindo a reflexão sobre a necessidade de se continuar pensando o Jiu-jitsu na Educação Física.

Toda reunião, análise e elaboração destes conhecimentos sobre o Jiu-jitsu nas produções acadêmicas da Educação Física, só foi possível por uma revisão sistematizada, que nos levou à inúmeras afirmativas, como questionar o esporte de alta performance na vida das crianças e jovens na escola, a compreensão do jiu-jitsu como uma luta/esporte que contribua substancialmente para a formação do sujeito, o distanciamento de uma competência comunicativa reflexiva do aluno que não conhece o Jiu-jitsu e também do professor de Educação Física.

O estudo permitiu o avanço em várias questões epistemológicas da Educação Física em relação ao movimento de inserção do Jiu-jitsu no Brasil. Ressaltamos nessa consideração a importância em continuar expandindo os estudos, sendo possível analisar e

¹⁵ “Nesse sentido, as fontes aqui apresentadas e analisadas contestam esse discurso hegemônico em favor do Konde Koma e dos integrantes da família Gracie. Constatou-se que já em 1908, ou seja, seis anos antes da chegada do Konde Koma ao Brasil, Sada Miyako ministrava aulas de jiu-jitsu para os militares da Marinha brasileira. Além disso, as fontes mostram que o mesmo Sada Miyako já protagonizava em teatros da então capital federal lutas intermodalidades, o que contraria a ideia de que essa é uma premissa dos Gracie.” (LISE; CAPRARO, 2018, p. 232).

¹⁶ “Porém, o problema foi à associação instituída pela mídia entre praticantes de Jiu-Jítsu e brigas de rua, algo que implicou, ainda nesse período, a cristalização de representações sociais do Jiu-Jítsu Brasileiro que contraria os preceitos da “arte suave”. Então, os praticantes da luta por ocasião das violências urbanas causadas por pessoas que se intitulavam lutadores, foram estigmatizados, fazendo emergir, ainda na década de 2000, a figura do “pit boy”, que era o nome atribuído aos praticantes de Jiu-Jítsu Brasileiro que brigavam nas ruas”. (GOMES; MOREIRA; TRIANI, 2019, p. 2019).

descrever novos cenários sobre a produção do Jiu-jitsu no Brasil e também no mundo, permitindo investigações futuras nas várias áreas de atuação desta modalidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA, Sebastião C. F. de. **Mixed Martial Arts (MMA) no Brasil**: masculinidades em disputa. 2016. 440 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

ANES, Rodrigo Roncato Marques. **Trabalho docente na educação superior**: formação, profissionalização e emancipação do professor. 2018. 322 f. s. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2018.

AZEVEDO, Fernando de. **Da Educação Física**: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. Edições Melhoramentos, 1960.

BREGOLATO, R. A. **Cultura Corporal da Ginástica**: livro do professor e do aluno. 2.ed. São Paulo: Ícone, 2006.

CAIRUS, Jose Antonio Teofilo. O clã Gracie e a invenção do jiu-jítsu brasileiro: identidade, performance e cultura, 1905-1993. In: II SEMINARIO INTERNACIONAL HISTORIA DO TEMPO PRESENTE. 2014, Florianópolis (SC). Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

CASADO, J. E.; VILLAMÓN, M; **La Utopía Educativa de Jigoro Kano**: El Judo Kodokan. Recorde: Revista de História do Esporte, v. 2, n. 1, 2009.

CAZETTO, F.F. Jiu-jitsu brasileiro e vale-tudo: o uso de novas tecnologias no ensino de Lutas e Artes Marciais. **Motrivivência**: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer UFSC, ano XXII, n. 34, p. 223-230, jun./2010.

DAOLIO, J. **Da Cultura do Corpo**. 17ª ed., Campinas (SP), Papyrus, 2013.

FEDERACAO INTERNACIONAL DE LUTA LIVRE. Disponível em: <www.lutalivresubmission.com.br> Acesso em: 14 mar. 2021.

FONTENELLE, J. P. **Compendio de Higiene**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1940.

GAMA, R. J. **Manual de iniciação do Judô**. Rio de Janeiro: Palestra Edições Desportivas, 1986.

GOMES, B. de O.; MOREIRA, J. F. F.; TRIANI, F. da S. As representações sociais de universitários de um curso de Educação Física da zona oeste do Rio de Janeiro sobre o jiu-jítsu brasileiro. **Motrivivência**: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer UFSC. Florianópolis (SC), v. 31, n. 59, p. 01-17, jul./set. de 2019.

GOMES, I. S.; CAMINHA I. de A. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Movimento**: Revista de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre (RS), v.20, n.1, p. 395-411, jan. /mar. de 2014.

GURGEL, F. **Brazilian Jiu-Jitsu Manual Pessoal de Jiu-Jítsu Do Iniciante ao Avançado**. Ed.: Axcel Books do Brasil - ISBN: 85-7323-248-X. 2007.

HAUSEN, I. T. **Artes Marciais Nas Escolas taekwondo pedagógico**: o resgate da arte marcial formativa como recurso de apoio educacional infanto-juvenil em ambiente escolar. Escola de Artes Marciais Hodory, Niterói, 2004.

INTERNATIONAL BRAZILIAN JIU-JITSU FEDERATION. Disponível em:
<www.ibjjf.com> Acesso em: 14 mar. 2021.

KANT, I. (1724-1804) **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 5. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8. ed. Ijuí: Unijuí, 2014.

KUNZ, E. As dimensões inumanas do esporte de rendimento. **Movimento**: Revista de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre (RS), v.1, n.1, p. 10-19, 1994.

LAZZAROTTI FILHO, A. et al. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da educação física. **Movimento**: Revista de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre (RS), v.16, n.1, p. 11-29, jan. /mar. de 2010.

LIMA, L. M.; HUR, D. U. As inscrições corporais no diagrama das alianças. **Revista Lugar Comum**: estudos de mídia, cultura e democracia, Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ. Rio de Janeiro (RJ) n.50, p. 174-192, jun. /set.2017.

LIMA, Luzia Maria Silva. **O Tao da educação**: a filosofia oriental na escola ocidental. São Paulo: Ágora, 2000.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T.. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, UFSC, Florianópolis (SC), v. 10, p. 37-45, numero especial - Pesquisa em Serviço Social, 2007.

LISE, R. S.; SANTOS, N.; CAPRARO, A.M. “A legenda dos Gracie”: uma análise da crônica de Nelson Rodrigues. **Movimento**: Revista de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre (RS), v.20, n.4, p. 1329-1349, out./dez. de 2014.

LISE, R. S.; SANTOS, N.; CAVICHIOELLI, F.R.; CAPRARO, A.M. A Biografia escrita por Reila Gracie e as fontes jornalísticas: revisando a historia hegemônica. **Movimento**: Revista de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre (RS), v.23, n.4, p. 1149-1160, out./dez. de 2017.

LISE, R. S.; CAPRARO, A.M. Primórdios do jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no Brasil: contestando. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Universidade Federal do Paraná, Departamento de Educação Física, Curitiba (PR), v. 40, e. 3, p. 318-324, jul./set. de 2018.

MICHAELIS Dicionário. Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em:
<<https://michaelis.uol.com.br/>>

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S.G.; SOUZA, E; **Avaliação por triangulação de métodos:** Abordagem de Programas Sociais. Ed. FIOCRUZ. jan/ 2004.

MUSEU VIRTUAL GRACIE. Disponível em: <www.graciemuseum.com.br>
Acesso em: 14 mar. 2021.

PAYNE, P. **Mitos, Deuses e Mistérios. Artes Marciais.** delPrado. p. 96, Madri. 1996.

RUFINO, L.G.B. **A pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades.** Jundiaí: Paco. 2012.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na Educação Física escolar:** necessidade ou tradição? Pensar a Prática, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 117, set./dez. 2011.

RUFINO, L. G. B.; MARTINS, J.C. **O Jiu Jitsu brasileiro em extensão.** Rev. Ciênc. Ext., v. 7, n. 2, p. 100, 2011.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. **Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica.** Rev. bras. fisioter., São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SCHMIDT, V.A.de O.; RIBAS, J. F. M. A lógica interna das lutas corporais: implicações iniciais para o ensino-aprendizagem-treinamento do brazilian jiu-jítsu. **Motrivivência:** Revista de Educação Física, Esporte e Lazer UFSC. Florianópolis (SC), v. 32, n. 61, p. 01-19, jan./mar. de 2020.

SOUSA, Marcel Farias de. **The concept of Bun Bu Ryo Do to sports:** a modern rationality in the traditional martial arts. 2010. 204 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** A pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo. Editora Atlas, 1987.

VICENTINI, L.; MARQUES, R. A Produção Científica sobre o Jiu-Jítsu: Análise dos artigos, teses e dissertações publicados entre 1996 e 2016. **Movimento:** Revista de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre (RS), v. 24, n. 4, out./dez. de 2018. Disponível em:
<<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/83697>> Acesso em: 4 set. 2021.

VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. Formação esportiva no jiu-jitsu: generalizações e particularidades na perspectiva de atletas brasileiros de elite. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 32, n. 4, p. 655-670, 2018. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/170213>> Acesso em: 4 set. 2021.

XAVIER, T. P. **Métodos de Ensino em Educação Física.** São Paulo: Manole, 1986.